

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA
EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora

Autora: Valdirene Pinheiro da Silva

Belo Horizonte
2022

VALDIRENE PINHEIRO DA SILVA

SEU VALDEMAR, GUARDIÃO DOS SABERES XAKRIABÁ

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas – Fiei da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para conclusão.

Habilitação em Matemática

Orientadora: Prof.^a Vanessa Sena Tomaz

Território Indígena Xakriabá

São João das Missões - MG

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por permitir-me a realização desse sonho, à minha família, principalmente, meus irmãos Marco Antônio, Gabriel e Daniela, aos caciques e lideranças pelo apoio, confiança e contribuição para a minha formação desde antes e para o ingresso ao curso FIEI. À comunidade e à Escola Estadual Indígena Oaytomorim da Aldeia Prata que contribuíram de forma direta e indiretamente para a minha formação. Às diretoras da escola, Eliane e Diana, à professora Creuza, aos estudantes da E.E.I. Oaytomorim, à anciã Anair e a todos que contribuíram tanto para o memorial do Seu Valdemar quanto para o meu percurso.

Agradeço ao mestre Sr. Valdemar pelo apoio e confiança, por permitir pesquisar e descrever sua trajetória de vida, sua participação na luta, suas histórias/memórias, as loas de casamento e suas receitas tradicionais das plantas medicinais do território.

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais pela oportunidade e aos coordenadores, professores e bolsistas do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), pelo apoio, empenho, por compartilhar suas experiências e saberes. Aos colegas da turma Xakriabá, Pataxó e Pataxó Hãhãhãe, pela troca de conhecimentos, companheirismo e amizade durante essa formação, mas principalmente nos períodos dos módulos em Belo Horizonte.

Agradeço a minha orientadora Vanessa Tomaz, pela orientação, dedicação, motivação e contribuição para realização desta pesquisa. Ela que é anciã da Matemática no FIEI, compartilhou muitos dos seus saberes, provocou a busca de conhecimentos, repassou muitos ensinamentos Matemáticos dentre tantos outros que acrescentaram de forma positiva a formação dos estudantes. Também agradeço ao bolsista Genilson pelo apoio e parceria durante o curso.

Resumo

Este trabalho, com tema “Seu Valdemar, guardião dos saberes Xakriabá”, foi desenvolvido coletivamente na Aldeia Prata, com a finalidade de contar um pouco da vida e dos saberes desse mestre que, mesmo idoso, há mais de vinte anos, luta incansavelmente pelo seu povo, assume a liderança no território com garra, compromisso, respeito, cuidado e responsabilidade. Registra a sua trajetória de vida e luta pelo povo Xakriabá, compartilhando com todos seus conhecimentos tradicionais repassados por meio das histórias que conta para os jovens, loas de casamento, receitas das plantas medicinais. Registra também as vivências/experiências que são estratégias pedagógicas que o nosso mestre utiliza em suas ‘aulas’, ministradas no chão do território Xakriabá. Destaca a forte participação do seu Valdemar em tudo o que diz respeito ao bem de seu povo, como também de todos os povos indígenas. A escolha deste tema para o Percurso veio primeiro pela minha admiração que tenho por este educador, desde a minha infância. Essa admiração se fortaleceu após colaborar para construção do seu memorial para título de doutor pela UFMG, título mais que merecido. Ao participar desse trabalho, vi a importância de registrar a trajetória de vida e os saberes dos nossos anciãos, não só para homenageá-los, mas, sobretudo, para demarcar nossos conhecimentos em outros espaços. Portanto, este Percurso complementa e aprofunda em temas e saberes que não pudemos trazer no memorial do Notório Saber e reforça sua importância porque pode ensinar para aqueles que não têm o privilégio de aprender com esses mestres que outros percursos de aprendizado são possíveis, não só o acadêmico. Como ele mesmo cita que *“Uma pessoa num se forma ni quatro ano, num critico, nem sô contra quem estuda, faz faculdade ni quatro ano, só acho que uma formação requer muito tempo, muitos ano de vivência e conhicimento, considero assim, cumigo foi assim, fui consigui o título de dôtô agora depois de véi”*(Seu Valdemar). Para desenvolver esta pesquisa, precisei de um caderno-diário de campo; utilizei alguns áudios gravados de conversas informais com o mestre e outros que consegui ao longo do percurso, pois o acompanhei em muitos momentos e situações diárias no território. Busquei registrar outros momentos que antecederam a elaboração deste percurso, de participações dele em eventos, movimentos e nas lutas dentro e fora do território; contei com a colaboração de algumas pessoas da família e da comunidade/escola da aldeia Prata para elaboração dos desenhos, para as caminhadas no mato junto com Seu Valdemar, momento em que pudermos conhecermos as plantas e as receitas dos remédios que ele prepara. Foi também minha comunidade/escola que ajudou na produção do mapa para localização das plantas medicinais. Por isso, reforço que este é um trabalho feito a muitas mãos, uma produção coletiva de pesquisa de autoria indígena.

Palavras-chave: Seu Valdemar; Povo Indígena Xakriabá; Participação; Histórias; Loas de casamento; Plantas medicinais.

Lista de Figuras

Figura 1: Valdirene, Diana, Eliane em visita à casa do seu Valdemar para entrevista para memorial de notório saber, Aldeia Prata, julho de 2020

Figura 2: Seu Valdemar, Sandy, Eliane e Valdirene. Oficina de fabricação de Uru

Figura 3: Acesse *QRCode* para assistir ao Seu Valdemar ensinando como fazer o Uru.

Figura 4: Sandy, Eliane, Valdirene, Seu Valdemar, Regina e Diana. Oficina de fabricação de Uru.

Figura 5: Acesse *QRCode* para assistir seu Valdemar contar uma história gravada para o *podcast*. Rádio Xakriabá, Aldeia Sumaré I, maio de 2022.

Figura 6: Roda de Conversa na Aldeia Custódio, maio de 2022.

Figura 7: Mapa feito em 2016, pelo grupo de pesquisadores Indígenas Xakriabá do PGTA, juntamente com a ANAÍ- Associação Nacional de Ação Indigenista.

Figura 8: Vista da Aldeia Prata, maio 2022.

Figura 9: seu Valdemar como liderança assina projeto para a aldeia.

Figura 10: Assinatura do seu Valdemar

Figura 11: seu Valdemar em roda de conversa durante trabalho de pesquisa dos alunos

Figura 12: Diana e seu Valdemar participando Live para discussão do seu memorial para o título de Notório Saber pela UFMG, pela plataforma Google Meet.

Figura 13: Encontro da Juventude, Aldeia Prata, abril de 2022.

Figura 14: Ato de reivindicação para afaltamento da BR 135, Pandemia de Covid-19, 2021.

Figura 15: Seu Valdemar e Diana na Roda de Discussão do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática, promovido pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

Figura 16: Regina, seu Valdemar, Creuza, Valdirene, Misael, Rafael, Abimael em aula com o mestre no território.

Figura 17: Aula com mestre seu Valdemar. Conhecendo um dos marcos do limite do território Xakriabá, Aldeia Prata, 2018.

Figura 18: Caminhada no território com seu Valdemar. Conhecendo um dos marcos do limite do território Xakriabá, Aldeia Prata.

Figura 19: Trabalho de pesquisa sobre cocos dos alunos do Ensino Médio

Figura 20: seu Valdemar no intermódulo do Fiei. Aldeia Prata. Maio 2022.

Figura 21: Acesse o *QRCode* para assistir ao seu Valdemar na abertura do intermódulo do Fiei, Maio de 2022.

Figura 22: seu Valdemar no módulo do Fiei. Aldeia Prata. Julho de 2022

Figura 23: História do João de Barro.

Figura 24: História da Onça

Figura 25: A Rainha das coisas

Figura 26: A formiga e a Cigarra

Figura 27: O sapo do fogo

Figura 28: Aranha mãe e aranha fia

Figura 29: O homem que queria entender de tudo no mundo

Figura 30: O caminhoneiro que transportava bode

Figura 31: O frangim esperto

Figura 32: A cadela e a raposa

Figura 33: Niceta

Figura 34: Acesse o *QRCode* para assistir ao seu Valdemar contando esta história durante a caminhada no Tabuleiro do Pesador.

Figura 35: Loas de casamento, jogadas pelo seu Valdemar, julho de 2020.

Figura 36: Acesse o *QRCode* para ouvir seu Valdemar jogando o alô de casamento que foi transcrito abaixo.

Figura 37: Aula-caminhada na aldeia Prata para aprender sobre plantas.

Figura 38: Acesse o *QRCode* para assistir ao seu Valdemar aconselhando sobre a importância da preservação das nascentes.

Figura 39: Durante a aula-caminhada, parada na casa do Sr. Arnaldo.

Figura 40: Mapa das plantas medicinais. Aldeia Prata. Território Xakriabá.

Figura 41: Alecrim-do-campo, tabuleiro do almeida.

Figura 42: Ruibarbo, tabuleiro do almeida.

Figura 43: Arcanfor, tabuleiro do almeida.

Figura 44: Sexta-feirinha, tabuleiro do almeida.

Figura 45: Manacá, tabuleiro do almeida.

Figura 46: Quina-preta, tabuleiro do almeida.

Figura 47: Quina-branca, tabuleiro do almeida.

Figura 48: Rozeta, tabuleiro do almeida.

Figura 49: Folha larga, tabuleiro do almeida.

Figura 50: Sambaínha, tabuleiro do almeida.

Figura 51: Calunga, tabuleiro do almeida.

Figura 52: Tiborna, tabuleiro do almeida.

Figura 53: Pau-terra, tabuleiro do almeida.

Figura 54: Resina de Jabotá, tabuleiro do Almeida, próximo à escola e demais lugares na aldeia.

Figura 55: Sucupira, tabuleiro do Almeida e do Pesador, no quintal da escola e em toda a aldeia.

Figura 56: Rosa do campo, tabuleiro do Almeida.

Figura 57: Velame, tabuleiro do Almeida.

Figura 58: Arcançu, tabuleiro do pesador.

Figura 59: Acesse o QRCode para assistir ao seu Valdemar e D. Anair ensinando a preparar o arcançu.

Figura 60: Capim papo-de-ema, tabuleiro do pesador.

Figura 61: Perdiz. Tabuleiro do pesador.

Figura 62: Mangaba, tabuleiro do pesador.

Figura 63: Acesse QRCode para assistir seu Valdemar explicando o preparo da Mangaba

Figura 64: Seu Valdemar toca Flauta na assembleia de encerramento do módulo Fiei.

Figura 65: Acesse o *QRCode* para assistir seu Valdemar tocando a gaita.

Figura 66: Acesse o *QRCode* para ouvir seu Valdemar sobre o título de Doutor em Educação por Notório Saber que ele recebeu da UFMG.

Sumário

Introdução	10
2. Memórias da autora.....	12
3. Caminhos trilhados nesta pesquisa.....	16
4. Povo Xakriabá.....	24
5. A história de vida do Mestre seu Valdemar	26
5.1. Como seu Valdemar se tornou liderança Xakriabá.....	32
6. Seu Valdemar: um educador, dentro e fora do território.....	34
6.1. Seu Valdemar nos ensina a conhecer o território, a sabedoria da natureza.....	35
6.2. Seu Valdemar ensina os alunos sobre nascentes e cocos do território.....	37
6.3. Seu Valdemar forma e orienta os professores.....	38
7. Seu Valdemar é um contador de histórias.....	41
História 1: João-de-barro.....	43
História 2: A história da onça.....	45
História 3: A Rainha das coisas.....	47
História 4: A formiga e a cigarra.....	48
História 5: O sapo do fogo.....	49
História 6: Aranha mãe e aranha fia.....	51
História 7: O homem que queria entender de tudo no mundo.....	52
História 8: O caminhoneiro que transportava bode.....	53
História 9: O frangim esperto.....	54
História 10: A cadela e a raposa.....	55
História 11: Niceta	56
8. Loas do seu Valdemar	58
9. Histórias e saberes do Seu Valdemar sobre plantas medicinais.....	64
Mapa das plantas medicinais.....	67
Alecrim-do-campo	69
Ruibarbo.....	70
Arcanfor	71
Sexta-feirinha	72
Manacá.....	73
Quina-preta.....	74
Quina-branca.....	75
Rozeta.....	76
Folha larga.....	77
Sambaíbinha.....	78

Calunga	79
Tiborna	80
Pau-terra	81
Resina de Jatobá.....	82
Sucupira.....	83
Rosa do campo	84
Velame	85
Arcançú	86
Capim papo-de-ema	87
Perdiz.....	88
Mangaba.....	89
10. Saberes do seu Valdemar sobre a gaita Xakriabá.....	90
11. Considerações Finais.....	92
12. Referências	94

Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso, chamado de *Percurso* no Fiei, consiste em conhecer um pouco mais sobre seu Valdemar, um ancião que completou 75 anos em 2022 e que não se cansa da luta em defesa dos direitos indígenas. Ele está sempre na luta, desde quando lutamos pela demarcação de uma parte do Território Indígena Xakriabá e ainda hoje luta para conseguir o restante do nosso território, porque falta muito para retomar.

Antigamente, à noite, as famílias se reuniam ao redor de uma fogueira para contar causos, histórias de fatos acontecidos e/ou imaginados. Nessas rodas, todos podiam participar, principalmente, as crianças. Os vizinhos se reuniam e faziam rodízio, isto é, uma noite, a roda de conversa era numa casa, na outra já era em outro vizinho e assim, por diante. Eram nessas rodas que as pessoas, mulheres e homens, programavam as atividades em pares ou equipe da lida do dia a dia: diárias de serviços tanto na roça como em outras atividades; eventos familiares e outras atividades na comunidade. Recordo que um mutirão para nós é uma atividade que envolve muitas pessoas, viagens, eventos, cerimônias, caças de animais e coletas dos frutos nativos do mato, dentre outras. Em geral, essas atividades e histórias são repassadas pelos mais velhos.

Ao perceber esses costumes que muito nos ensinam estão adormecendo no território Xakriabá, pesquisei e descrevi saberes e algumas histórias do Seu Valdemar, que ele utiliza em suas ‘aulas’ nos encontros com as crianças, com os jovens e professores, dentro e fora da escola. Faço esse registro porque acredito que isso fortalecerá a educação escolar indígena Xakriabá. São histórias que podem ser usadas também como referência nas escolas, nas universidades e em outros espaços educativos. Esses registros também são importantes, porque resgata essa tradição, possibilitando que as futuras gerações vivam essa experiência.

Este trabalho também detalha a trajetória de vida do seu Valdemar como liderança indígena, pois muitas vezes, as pessoas não têm conhecimento ou não reconhece a liderança da sua comunidade como uma importante autoridade de enfrentamento das demandas que surgem dentro e fora do território. Ser liderança não se trata somente de impor, dar ordens, mas sim pensar junto, fazer junto e caminhar junto com povo num sentido só.

Também fazemos reflexões neste trabalho sobre o memorial para reconhecimento Notório Saber¹ do seu Valdemar, submetido ao programa da UFMG, ao qual eu colaborei com pesquisas e produção do texto. Após análise desse memorial para Notório Saber, que produzimos coletivamente, em 10 de fevereiro de 2022, finalmente, foi aprovado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da UFMG o título de Doutor em Educação por Notório Saber para seu Valdemar.

Descrevo também as loas de casamento que seu Valdemar me contou, sendo uma tradição muito antiga do nosso povo. Incluo ainda no meu Percurso, um pouco da minha história, uma jovem professora Xakriabá, que é entrelaçada pelos ensinamentos que vêm da minha convivência com seu Valdemar; além de incluir os saberes do seu Valdemar sobre as plantas medicinais do nosso território, partes que não foram bem detalhadas no memorial submetido à UFMG. Eu não só apresento um mapeamento que fizemos das plantas, juntamente com demais pessoas da aldeia, como descrevo as receitas dos remédios caseiros feitos com as plantas medicinais. A maioria dos relatos estão em forma de histórias que seu Valdemar costuma contar em suas aulas e/ou palestras, pois ele é um mestre que ensina a partir da oralidade, por meio de histórias que compartilham as vivências/experiências de vida. Para esta pesquisa, utilizei os áudios das conversas que tive com seu Valdemar para a escrita do memorial para o título de Notório Saber, submetido à UFMG, além de outros que fui obtendo após a sua conclusão.

¹ Res. Complementar No 01/2020, DE 28 DE MAIO DE 2020. Regulamenta o reconhecimento de Notório Saber pela UFMG.

2. Memórias da autora

Sou Valdirene Pinheiro da Silva, moro na Aldeia Prata, indígena do povo Xakriabá, município São João das Missões, norte de Minas Gerais. Na aldeia onde moro, atuo como professora do Ensino Fundamental II.

Aos seis anos de idade, meus pais me matricularam na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Aldeia Prata, hoje chamada Escola Estadual Indígena Oaytomorim. Nela foi onde passei a ser alfabetizada pela professora Joana. Lembro que as aulas funcionavam na sala da casa da professora. Ela ensinava de forma dinâmica e divertida, tanto que aprendi a ler e escrever pequenas palavras no primeiro ano de alfabetização e assim, dia após dia, sentia-me motivada e curiosa a aprender, a descobrir coisas novas. Foi indo para a aula, todos os dias, que percebi o valor que tem a participação nas aulas, nos eventos e movimentos na escola/comunidade, pois quanto mais participava, mais aprendia. Meus pais estavam presentes na hora da lição de casa, ajudavam a mim e meus irmãos com os conhecimentos que têm. Eles e meus avós nos incentivavam e orientavam a respeito dos estudos, sendo para eles uma importante oportunidade que não conseguiram ter em suas vidas. Nos falavam que nós somos privilegiados por acessar essa rica e proveitosa fonte do conhecimento. O trabalho na roça também é uma grande escola que proporciona conhecimentos multidisciplinares. Participando dele aprendi com minha família preparar o terreno, plantar, cuidar e colher. Muito aprendo também com a convivência na aldeia, na escola com os colegas, professores, com os mais velhos e demais funcionários.

Após concluir Ensino Médio, morei na aldeia São Domingos. Lá atuei como professora do Ensino Fundamental II, ensinando e aprendendo Matemática, Ciências, Uso do Território, Educação Artística e História. Essa atuação foi apoiada e confiada pela liderança local, cacique e comunidade escolar. Rica e proveitosa foi essa experiência, pois aprendi bastante com os costumes, cultura e diferenças desta comunidade. Em meados de 2016, retornei à minha aldeia mãe (Prata), onde atuo como professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II.

No passado, não tinha água encanada em casa, mas tínhamos as nascentes da aldeia que sustentavam toda a comunidade. Lembro de ajudar, muitas vezes, minha família lavar roupas nessas nascentes e ainda carregar água para beber e cozinhar (os baldes e tambores médios eram carregados na cabeça). Me divertia bastante com essa

atividade, pois ia brincando pela estrada, e ao chegar à nascente, tomava banho. Era assim, ao mesmo tempo que ajudava nos trabalhos, aprendia e brincava. A alimentação era feita a partir do que produzíamos na roça, na horta e no quintal. Angu, mingau, farinha, cuscuz, bolos, que são os alimentos produzidos com a colheita do milho e da mandioca. Também comíamos o que vinha da caça e os frutos colhidos do mato.

Quando sobrava um tempo, reunia com todos os irmãos, primos, vizinhos para brincar de casinha, breia, queimada, esconde-esconde, escolinha, cobra-cega, dentre outras brincadeiras. Também, saíamos pela mata coletando os frutos nativos: caju, jatobá, coquinho, cagaita, pequi, bico-doce, cabeça de nego, maracujá e muitos outros. Quando criança, gostava de ir à cidade a cavalo com minha avó. Eu costumava admirar a cidade, achava estranho e muito diferente da aldeia, aquele chão calçado, as casas grudadas uma na outra com uma calçada alta ao redor, pessoas em filas para atendimento do correio, outras transitando nas ruas, indo e voltando. Nas esquinas havia as barracas de camelô, muito barulho de carro, moto e de gente. Era estranho para mim, porque na aldeia não tinha aquelas coisas, aquele barulho da cidade. Com o tempo, cresci e logo entendi a diferença entre o viver no campo e na cidade.

Antigamente, toda noite, as famílias da aldeia tinham o costume de reunir para as rodas de conversas, juntamente com os vizinhos. Nessas rodas, nossos anciões contavam as histórias engraçadas e de valiosos ensinamentos, compartilhavam suas experiências vividas. Os anciões da aldeia são referências para os mais jovens, além de serem para nós livros vivos, são fontes de pesquisas para nossos estudantes. Depois da chegada da energia elétrica e de outras tecnologias digitais dentro da aldeia, esse costume adormeceu, pois alguns mais jovens não estavam dando tanta importância para esses momentos de diálogos. Por isso, passamos a desenvolver rodas de conversas e outras atividades na escola, junto com os mais velhos para despertar os jovens que apreciam e se envolvem para não deixar esse costume acabar. Se não fizermos de tudo para estar com os mais velhos seria o mesmo que perder as oportunidades de conviver e aprender com nossa biblioteca viva (nossos anciões). Eles nos ensinam por meio da oralidade, da prática e das experiências de vida. Além disso, é uma maneira de valorizar os conhecimentos de nossos mais velhos que nos ensinam até mesmo através da forma como se comportam e agem na comunidade.

Cresci admirando o Seu Valdemar, pela sua participação nas lutas e na busca das conquistas para melhoria do nosso povo. Seu Valdemar é participante número um na

educação escolar indígena Xakriabá, como é também muito participativo na organização da saúde e em outras áreas de necessidade do povo. Muitas vezes, eu ia para casa dele brincar com minhas primas, filhas dele, pois seu Valdemar é casado com minha tia. Ele nos contava algumas histórias, charadas, piadas e também alguns provérbios, fazia perguntas difíceis de responder que nos levava a refletir.

Depois, já como professora, reconheço que ele sempre passa pela escola, visitando, apoiando, aconselhando, palestrando e avaliando a comunidade escolar. Aconselha acerca da importância do respeito um com o outro, da educação diferenciada, da valorização da cultura indígena Xakriabá dentro e fora da escola. Tive muitas oportunidades de participar de diversos eventos e movimentos culturais em que seu Valdemar também participou, tanto no território como fora dele. Ao participar desses encontros, fui aprendendo muito mais a valorizar e reconhecer a importância da participação dos jovens nesses eventos, e de sempre participar das atividades do meu povo. Dentre tantas oportunidades, destaco lembranças de alguns desses eventos.

Em 2011, de 22 a 25 de setembro, ocorreu o III Encontro de Mulheres Indígenas do Leste, na Aldeia Barreiro Preto. Havia outras mulheres indígenas, o que foi uma participação significativa, nos fortalecendo a partir de palestras, trocas de experiências, rodas de conversas entre indígenas Xakriabá, Maxakali, Tuxá, Pataxó, etc. Essas rodas eram subdivididas conforme idade, crianças, jovens, adultos e idosos, com o objetivo de intensificar o processo de formação política das mulheres indígenas do Leste, para a luta pela terra, a busca de alternativas econômicas e sustentáveis e o fortalecimento de alianças com outras comunidades e outros povos tradicionais. Todo o evento buscou potencializar o protagonismo das mulheres, na construção de um “Bem viver” para todos os povos. Foi uma experiência proveitosa. Durante o dia, as conversas, palestras e apresentações e a noite, havia as apresentações culturais.

Em 2013, ocorreu o processo de demarcação de mais uma parte do Território Xakriabá que estava sendo ocupada por fazendeiros, não indígenas que exploravam a terra próxima às aldeias Caraíbas e Várzea Grande. Foi uma iniciativa da organização interna de caciques e lideranças, em que o seu Valdemar estava presente, palestrando, fortalecendo e motivando a continuidade do processo. Além disso, foi um movimento amplo de muita persistência e resistência, em que todos do território envolveram-se, inclusive toda a comunidade escolar Xakriabá. As escolas se deslocaram para fazer suas

aulas fora das salas, momentos relevantes para os alunos mais jovens entenderem como ocorre esse processo de luta pelo território.

Em 2015, ocorreu o II Encontro de Mulheres, na Aldeia Cinta Vermelha, comunidade Pankararu Pataxó, município de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha (MG). Esse encontro aconteceu de 05 a 07 de setembro de 2015, tendo participado juntamente com o seu Valdemar e outras três mulheres Xakriabá. Foram três dias de troca de experiências entre mulheres Indígenas, Quilombolas, Agricultoras Familiares e demais participantes na busca da defesa dos direitos da Mãe Terra, a partir do tema: Plantas Sagradas, Mulheres e Direitos.

Essas vivências e experiências muito me ensinaram, contribuíram para a minha formação como cidadã, como mulher indígena. Não é em vão que hoje reconheço a luta da mulher indígena e brasileira. Reconheço também a luta do seu Valdemar e das demais lideranças, e não é à toa que nossas lideranças morreram na luta pelo Território Xakriabá. Mataram o físico, porém a alma vive. Isso serviu para fortalecimento da luta, da defesa dos direitos indígenas, do enfrentamento dos desafios, fortaleceu também a coragem, a união e esperança deste povo. A partir dessa participação, descobri que o seu Valdemar apoia a causa da mulher, defende os direitos e as leis que ampara elas, se importa em ajudá-las nos enfrentamentos e lutas. Sem falar que ele é conselheiro.

Em 2017, fiz o vestibular para o FIEI e passei. No início do curso Fiei, os professores falaram sobre desenvolver uma pesquisa no decorrer do curso e apresentá-la no final. Não tive dúvidas sobre o tema da minha pesquisa e o que destacar de mais importante para enriquecê-la. O meu trabalho destaca a história de vida do seu Valdemar ressaltando a participação dele nos movimentos e apoio a luta das mulheres por garantia de seus direitos. Também procuro descrever seus conhecimentos tradicionais e suas memórias sobre saberes e práticas sobre os remédios medicinais xakriabá, em deixar de trazer histórias e Loas de casamentos que ele conta.

Minha trajetória no Curso FIEI foi significativa, proveitosa, pois ensinou caminhos a serem percorridos. Durante esse percurso descobri outros caminhos e jeitos diferentes que para mim são novos de aprender que contribuíram para minha formação. Hoje, sinto-me mais preparada, segura e confiante para atuar como educadora indígena.

3. Caminhos trilhados nesta pesquisa

A oportunidade de pesquisar e conhecer mais sobre seu Valdemar foi relevante, somou tanto para meu trabalho como para a minha vida pessoal. Nos últimos três anos de formação, com a pandemia da Covid-19, as aulas passaram a ser remotas pela internet, surgiram diversos obstáculos: isolamento social, ensino remoto, falhas de internet, etc., isso dificultou as visitas ao seu Valdemar.

Mas, segui firme no meu propósito, afinal, escolhi pesquisar e escrever sobre seu Valdemar por ele ser uma referência destacável para o povo Xakriabá, conselheiro de todos; por carregar consigo uma enorme bagagem de conhecimentos tradicionais do nosso povo que merecem ser registrados e repassados para as futuras gerações. Seu Valdemar é um homem de muita sabedoria e por sua força ancestral e espiritualidade. Ele é um guardião e conhecedor da nossa cultura, da nossa ciência, medicina e da educação. Seu Valdemar é um educador que participa da escola e ensina contando histórias, ainda que nunca tenha frequentado efetivamente uma escola ou saiba ler e escrever em português. Ele é um exemplo de liderança, participa diretamente das discussões e lutas em prol da defesa dos direitos indígenas que são também direitos de todos os seres, são direitos sociais, étnicos raciais e culturais.

Apesar de a pandemia não desfazer tão rápido, eu sabia que já tinha algum material de pesquisa, pois a escolha desse tema foi decidida também, a partir do momento em que passei a compor a equipe de elaboração do memorial descritivo e analítico da vida e sabedoria do seu Valdemar para reconhecimento de Doutor em Educação por Notório Saber pelo Programa de Titulação de Mestres pela UFMG.

É importante lembrar que, para esse memorial, fizemos pesquisa para descrever as diferentes facetas do ser e saber deste grande Mestre, que nos permitiu chamá-lo de Homem-Memória do povo Xakriabá. Essa expressão foi tomada de um autor não indígena, Jacques Le Goff (1996), que a utiliza para caracterizar pessoas responsáveis pela transmissão e manutenção da memória em sociedades sem escrita, o que é um papel inquestionável assumido pelo Seu Valdemar em nosso território. Com sua ‘arte’ de contar histórias, Seu Valdemar “preserva vivos elementos fundamentais para a constituição de memórias e saberes do povo Xakriabá, que permitem inscrever uma história outra, a partir de pontos de vista historicamente silenciados nos discursos oficiais construídos sob a

égide do documento escrito.” (ROCHA; TOMAZ, 2021, p.95). Além dessa faceta de homem-memória, trabalhamos no referido memorial, as contribuições do seu Valdemar para a caracterização do que chamamos de Pedagogias Xakriabá: como educador do seu povo e referência para a educação escolar; para a luta pelos direitos à terra, à educação e à saúde; para tornar-se uma prática o diálogo intercultural, destacando o papel diplomático que exerce na mediação com instituições de fora e pela sua coragem e exemplo de vida para nós, jovens Xakriabá.

Há outros trabalhos realizados por indígenas (QUEIROZ; NEVES, 2020) e não indígenas (ANASTÁCIO, 2018; ANDRADE, 2019) que se ocuparam do registro de histórias contadas por seu Valdemar e seus saberes e me ajudaram como referências. Mas, neste trabalho, como uma indígena Xakriabá que vive na aldeia Prata, onde seu Valdemar é a liderança, procuro não somente descrever os saberes desse mestre sobre os remédios com plantas medicinais e as receitas para preparo, como também apresentar o mapeamento das plantas na aldeia, a partir de uma cartografia produzida junto com o seu Valdemar e diversos outros membros da comunidade/escola, percorrendo o território embalados pelas histórias do mestre.

Assim, baseada na minha participação nessa pesquisa para o memorial para obtenção do título de Notório Saber, para seguir em frente com meu objetivo, buscamos novas alternativas para superar os desafios que a pandemia nos impunha, até que consegui realizar as visitas, conversas e as caminhadas no campo que fortaleceram a pesquisa.

Durante o ensino remoto, tiveram as disciplinas de estágio (projeto de intervenção pedagógica), atividades de descobertas com diversos saberes que permitiram conhecer mais do território e quais caminhos seguir para enfrentamentos e soluções de problemas vivenciados na aldeia e/ou na comunidade/escola. Apesar das dificuldades enfrentadas, gostei e aprendi bastante fazendo essas disciplinas e me forneceram mais elementos para o percurso.

Colocando em prática as alternativas de contato, seguindo os protocolos de segurança para evitar contaminação da Covid-19, não deixei de acompanhar a vivência do seu Valdemar para colocar no meu Percurso. Mesmo com o isolamento, ele não parou de participar das atividades: das reuniões dentro do território, viajou para Brasília para as

manifestações contra o PL 490² (Marco Temporal), participou de atividades pela internet (*lives* e reuniões), e de outras atividades presenciais dentro do território, como o encontro da juventude, o intermódulo do Fiei, a produção de podcast e de Noite cultural. Foi acompanhando e registrando essas atividades, juntamente com os momentos de visitas e recolha de documentos e outros registros, que consegui fazer este trabalho que fala dos saberes e práticas do seu Valdemar e da importância de sua trajetória de luta para nosso povo.

Com tudo isso reunido, organizei o meu material de pesquisa para este Percurso para conclusão do Fiei, a partir do que ouvi sobre a trajetória de vida do ancião seu Valdemar, me permitindo detalhar aspectos da participação dele nas lutas pela demarcação do território e nos eventos dentro e fora do Território Indígena Xakriabá, nos quais eu também participei ao seu lado. Mas, vou além do que foi feito no memorial que menciono acima, porque incluo o registro de saberes desse incrível Mestre no preparo dos remédios com **plantas medicinais** e das loas de casamento, incluindo ainda histórias/memórias contadas por ele que não foram detalhadas antes.

Desse modo, o material de pesquisa produzido para este Percurso possibilita a elaboração de um material didático em formato de Cadernos Temáticos para nossa escola e para a formação dos professores. Nele, o professor poderá encontrar os registros dos saberes da nossa cultura que seu Valdemar chama de Ciência Xakriabá, aquela “ciência da experiência, do saber que é construído nas vivências dentro e fora do território, uma ciência que se constrói sob o ritmo das culturas de tradição oral e que não se escreve” (ROCHA; TOMAZ, 2021, p.8).

Portanto, para a escrita deste Percurso, aproveitei os áudios e outros materiais que foram usados na elaboração do memorial para o título de Doutor em Educação por Notório Saber, acrescido de um vasto material que produzi nos muitos outros encontros de escuta e compartilhamento de práticas com o Seu Valdemar. Os áudios são de dois momentos de conversas informais que eu e demais pessoas que colaboraram com o memorial fizemos visitas ao seu Valdemar, em julho de 2020. Assim, junto com outras pessoas da aldeia (professores, diretoras, supervisora e vice liderança), reunimos na casa dele para conversar sobre o título de Notório Saber e para produzir os áudios de conversas

² Projeto de Lei 490/2007, que altera a legislação da demarcação de terras indígenas. fonte: <https://apiboficial.org/marco-temporal/>. Acesso em 02-10-2022.

informais, as quais foram gravadas no celular e transcritos com o auxílio do fone de ouvido, tentando garantir as marcas da oralidade do seu Valdemar.

Figura 1: Valdirene, Diana, Eliane em visita à casa do seu Valdemar para entrevista para memorial de notório saber, Aldeia Prata, julho de 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Além das visitas para conversas para a produção do memorial para o título, após a conclusão do memorial, as outras atividades que usamos neste Percurso também foram gravadas em áudio e vídeo. Uma delas foi uma oficina para confecção de Uru, pelo seu Valdemar e uma caminhada no território que resultou na produção de desenhos e mapas das plantas dos remédios. Também há registros da participação do seu Valdemar no Intermódulo do Fiei, em maio de 2022, quando gravou um podcast para orientar os jovens e falar sobre as lutas e saberes. Ainda registrei a participação do seu Valdemar em uma atividade do módulo do Fiei que aconteceu na aldeia Brejo Mata Fome, em julho de 2022.

Realizamos uma oficina para produção de Uru, ministrada por Seu Valdemar na Escola Estadual Indígena Oaytomorim, que aconteceu no dia 04 de maio de 2022, ele ensinou como fazer esse objeto que era mais usado antigamente pelas pessoas para carregar comida (frutas, verduras, caças, rapadura, água, etc), pois não existia sacolas,

nem bolsas. Essa foi mais uma oportunidade para descrever esse saber tradicional que ele tanta domina quanto ouvir suas histórias.

Figura 2: Seu Valdemar, Sandy, Eliane e Valdirene. Oficina de fabricação de Uru



Fonte: arquivo pessoal da autora. 2022.

Figura 3: Acesse *QRCode* para assistir ao Seu Valdemar ensinando como fazer o Uru.



Figura 4: Sandy, Eliane, Valdirene, Seu Valdemar, Regina e Diana. Oficina de fabricação de Uru.



Fonte: arquivo pessoal da autora. 2022.

No período do intermódulo do Fiei no território, maio de 2022, gravamos um podcast, no qual seu Valdemar recontou a história de sua vida, as lutas e conquistas. Ele fez um apelo para os jovens se interessar mais em conhecer a história Xakriabá, em andar juntos com os anciãos, ajudar na luta para garantir os direitos, enfrentar a causa indígena e lutar junto com os caciques e lideranças. Para ele, essa é uma forma de saber tomar decisões futuras, pois eles, os mais velhos, não são eternos. Nesse podcast, ele também contou muitas histórias que aprendeu na infância, recitou algumas loas de casamento, expressando a tristeza ao ver que essa tradição está adormecendo no território.

Figura 5: Acesse *QRCode* para ouvir o *Podcast* em que seu Valdemar conta a história para o *podcast*, Rádio Xakriabá, Aldeia Sumaré I, maio de 2022.



No dia 06 de maio, participamos da noite cultural na Aldeia Custódio com o título: I Encontro de Resgate da Essência Cultural Tradicional e a Prática desses Conhecimentos no dia a dia.

Figura 6: Roda de Conversa na Aldeia Custódio, maio de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Lá o seu Valdemar ressaltou sobre a importância do respeito e a valorização da organização interna dos caciques e lideranças do território, pois, para ele, isso é a base para tudo o que buscamos, inclusive nossos direitos. Aconselhou a todos que lá estavam sobre a consideração que devemos ter por estes guerreiros de enfrentamento das lutas,

porque isso ajuda eles a persistirem e os motivam a não desistir. A vice liderança e professora da Aldeia Prata, Diana, ressaltou a importância dos estudantes de graduação e outros cursos pesquisarem e descreverem a biografia desses guerreiros, pois suas histórias de vida e lutas são fontes de ensino e de aprendizagem que fortalecem a cultura, a identidade e a educação, tanto para a nova como para a futura geração.

Em síntese, para desenvolver este trabalho, reuni várias informações a partir das conversas informais durante as visitas à casa do Seu Valdemar; fiz entrevista; levantei documentos e fotografias; participei e registrei de atividades do Fiei e de outras dentro do território e realizei oficina e aula-caminhada com o seu Valdemar, estudantes e professores da Escola Estadual Indígena Oaytomorim, da aldeia Prata.

Chamamos de Aula-caminhada uma atividade prática coletiva que já vem de muito tempo sendo desenvolvida nas escolas Xakriabá. Também a chamamos de aula ou passeio de campo, a qual toda a comunidade escolar pode participar e compartilhar saberes, experiências, práticas e ideias. Tem como principal objetivo pesquisar, descobrir e conhecer mais do território, da natureza, do meio ambiente e tem como referências nossos mais velhos, os caciques e lideranças, os professores, a direção da escola, dentre outras pessoas do território que são nossas referências, verdadeiros livros vivos. É uma aula em que o grupo vai caminhando, observando, dialogando, perguntando e obtendo respostas, registrando, gravando, conhecendo, compartilhando, divertindo, contando histórias. Essas são as formas Xakriabá de aprender e ensinar durante a aula que já é considerada pelos estudantes uma das melhores, pois é uma aula livre em eles aprendem muito além do que buscam e pesquisam. Na Escola Estadual Indígena Oaytomorim, o seu Valdemar é quem nos guia para essas aulas-caminhada, nos ensina e também compartilha conosco seus saberes. Assim como as aulas-caminhada, esta pesquisa foi desenvolvida coletivamente entre toda a comunidade/escola.

Todos os registros foram transcritos ou editados para inclusão neste Percorso. Optei por transcrever os áudios e vídeos, respeitando o jeito de falar e se comunicar do seu Valdemar, isto é, mantendo as marcas da oralidade do português Xakriabá, falado pelos anciãos. O importante dessa escrita é que existem palavras e ditados que são ditos somente pelos nossos anciãos. Por mais que eles utilizem muitas palavras da Língua Portuguesa, essas são faladas do jeito deles. Esse jeito de transcrever já utilizamos no memorial para o Notório Saber, mas lá, havia trechos que nós, Xakriabá, que escrevemos e outros que foram os professores não indígenas, onde cada um colocou sua própria marca

ao transcrever a oralidade do seu Valdemar. Aqui, toda a transcrição da oralidade para a escrita foi feita por mim, quem acompanhei as conversas, a contação das histórias e as andanças pelo território. Então, transcrevi tentando ser fiel ao jeito do seu Valdemar contar suas histórias, dar seus conselhos e de repassar seus ensinamentos sobre nós, Xakriabá. Também são utilizados registros fotográficos, QR Code para acesso direto aos áudios e vídeos e desenhos, incluindo o mapa das plantas dos remédios.

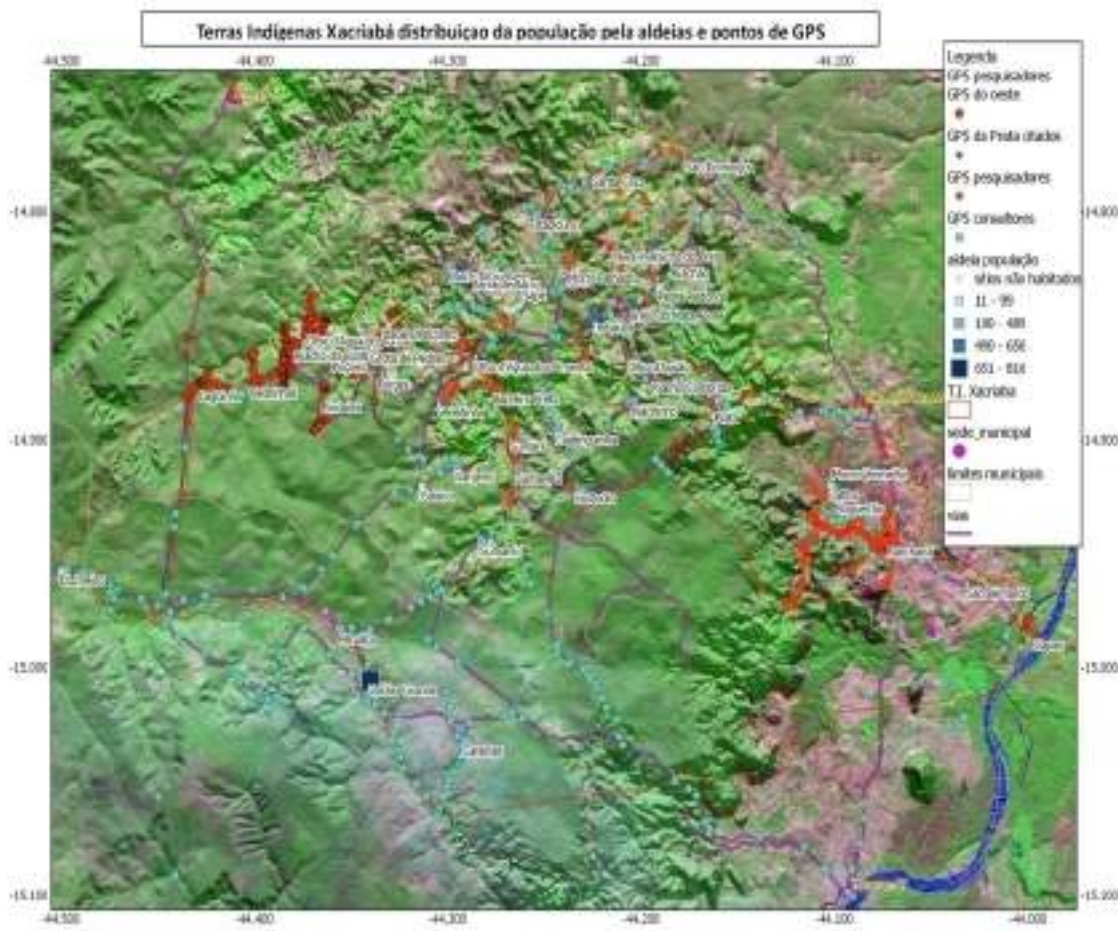
EXPLICAR PORQUE DOS DESENHOS E COMO ELES FORAM FEITOS.

Optei por inserir desenhos e não as fotografias por ser uma metodologia já usada na escola Xakriabá. A feitura dos desenhos envolve mais pessoas da comunidade escolar na pesquisa, principalmente os estudantes, tanto os que participaram das aulas-caminhada como os que não puderam ir. Por notar que em outras pesquisas feitas sobre as plantas medicinais, citadas no início deste trabalho, as fotografias de algumas plantas já haviam sido inseridas, busquei os desenhos que trariam também diferencial em relação às outras. Para ilustrar a maioria das histórias, pedi ajuda para meu irmão Gabriel e alguns outros estudantes do Ensino Fundamental II e Médio. Fiz leituras das histórias para eles e disse como gostaria que fossem ilustradas, eles desenharam e eu as colori. Já os desenhos das plantas foram todos feitos por mim, a partir das fotografias que registrei durante as aulas-caminhada.

4. Povo Xakriabá

O Território Indígena Xakriabá está localizado no norte de Minas Gerais, à margem esquerda do Rio São Francisco, município São João das Missões, próximo aos municípios de Manga, Itacarambi, Januária e Miravânia. Nele há uma diversidade de solo como o barro, toá, areia, cascalho e rocha.

Figura 7: Mapa feito em 2016, pelo grupo de pesquisadores Indígenas Xakriabá do PGTA, juntamente com a ANAÍ- Associação Nacional de Ação Indigenista.



Fonte: Trabalho de pesquisa dos estudantes do Ensino Médio sobre os tipos de coco, 2019, p. 9.

Como contou Seu Valdemar, o documento de doação do território Xakriabá é de 1728. No trabalho de Percurso do Fiei de Luzionira (LOPES, 2016), ela fala que esse documento tinha a área total de 200.000 hectares. Na primeira demarcação, em 1979, portanto, o território foi reduzido cerca de 70% da sua área total, assim, a homologação aconteceu somente em 1988, depois de uma invasão de fazendeiros, na qual resultou nos assassinatos de três índios Xakriabá, entre eles o líder Rosalino Gomes de Oliveira. Após a morte de Rosalino, o território foi reconhecido e o líder cacique Manoel Gomes Oliveira, conhecido como Rodrigão, deu continuidade à luta, o Sr. Rodrigão era um amigo

próximo do Seu Valdemar. Em 2003, o território foi ampliado para 54.000 hectares aproximadamente, com a homologação da terra indígena Rancharia. Porém, a luta pela retomada do restante território ancestral continua. Em setembro de 2013, ocorreu mais uma retomada de 6.000 hectares, abrangendo as aldeias Caraíbas e Varzea Grande, totalizando assim, 60.000 hectares.

Entre os povos indígenas de Minas Gerais, a população Xakriabá é a maior. Com aproximadamente, 12.500 indígenas, segundo o atual cacique Domingos Nunes de Oliveira, distribuídos em 34 aldeias. Dentro do território existe um jeito próprio de as lideranças e caciques resolverem os conflitos internos. Cada aldeia tem uma liderança que quando necessário se reúne com os demais para tomar as decisões coletivas, visando o melhor para a comunidade. Essas lideranças enfrentam as lutas pelos direitos e melhorias para o povo Xakriabá.

O clima no território Xakriabá é quente durante todo o ano e a estação chuvosa compreende os meses de outubro a março, ultimamente, o índice de chuva tem diminuído, com grandes períodos de seca. A vegetação predominante é o cerrado, neste colhemos alguns frutos nativos como pequi, cajuzinho, jatobá, cagaita, coquinho, cabeça de nego, umbú, dentre outros. Os animais e pássaros mais conhecidos são veado, cutia, tatu, coelho, raposa, gambá, pássaro preto, alma de gato, anúm preto, anúm-branco, jandaia, juriti, lambu, codorna, joão-de-barro, siriema, bem-te-vi, sofrê, gavião, beija-flor, coã, etc.

O povo Xakriabá não sobrevive mais da caça e pesca, e sim da plantação de roças e hortas, porque muitos animais estão extintos, muitos rios secaram, houve muito desmatamento, queimadas, plantação de pastagem para criação de gado no território. Porém, ultimamente, a seca tem castigado a região e as lavouras não têm produzido o necessário para suprir as necessidades de muitas famílias que sobrevivem da agricultura. Diante dessa situação, essas famílias contam apenas com os benefícios sociais do governo. Muitos pais deixam suas famílias para ir trabalhar fora da aldeia, em outras cidades e estados. Muitas pessoas das aldeias são servidores públicos estadual e municipal, atuando na área da educação e da saúde.

Dentre as 34 aldeias Xakriabá, destaco a aldeia Prata que, segundo seu Valdemar, recebeu esse nome porque a maioria da terra é cor prata e boa parte é branca. Esse nome foi dado pelos bandeirantes que daqui retiravam muito minério e pelos primeiros moradores dessa aldeia que trabalhavam para os bandeirantes.

Figura 8: Vista da Aldeia Prata, maio 2022.



Fonte: Arquivo pessoal da autora,

É uma aldeia próxima ao município São João das Missões com, aproximadamente, 130 famílias, cerca de 550 pessoas. Nesta, tem um posto de saúde, com atendimento de segunda a sexta, contando com um enfermeiro e um técnico em enfermagem e atendimento médico uma vez por semana. Tem a escola sede que atende da educação infantil ao terceiro ano do ensino médio, com cerca de 180 alunos, incluindo as turmas da aldeia Riacho Comprido, vinculadas à escola da Prata.

Antigamente, na aldeia existiam muitas nascentes que supriam as necessidades de água da comunidade, mas com o passar do tempo, a maioria secou. Os hábitos e costumes das pessoas foram mudando, o que demandou mais água para a sobrevivência. As nascentes foram secando, a ponto de hoje estarmos usando água emprestada/encanada de um poço artesiano que tem na aldeia Riachinho, que é uma aldeia vizinha da Prata. A redução do período chuvoso, devido aos desmatamentos e queimadas descontroladas causados pela ação humana, dificultou um pouco a permanência de algumas nascentes, animais e plantas na aldeia. Esses problemas têm impactado, de forma potente, nas vidas das pessoas, principalmente no período da seca.

5. A história de vida do Mestre seu Valdemar

O seu Valdemar Ferreira dos Santos nasceu em 24 de junho de 1947 (hoje com 75 anos de idade), filho de Herculano Ferreira dos Santos e de Salustriana Gonçalves de Deus, tem 13 irmãos. É casado com Célia Pinheiro de Sousa, pai de 10 filhos, morador e liderança da aldeia Prata. Porém, quando criança, residiu em outra aldeia. É indígena do

povo Xakriabá e iniciou o trabalho de liderança na aldeia Prata e no território em 18 de janeiro de 2002. Ele é uma importante referência para o nosso povo dentro território xakriabá, em diferentes frentes: cultura, luta por direitos, conhecimentos ancestrais, espiritualidade e educação escolar indígena.

Em sua infância enfrentou diversas dificuldades para vencer as necessidades e sobreviver. Até os dias de hoje ainda enfrenta dificuldades, mas um pouco diferente de quando era mais novo. Ele relata:

“Nasci na Aldêa Imbaúba. Em 1961, meus pai mudaro pá Aldêa Prata, fiquei só um ano na Prata e voltei pá casa dos meu avô na aldêa onde nasci, fui morá cum eles e cumecei trabaia pá ôtas pessoas cum treze ano de idade, pá ajudá meus pai na dispesa de casa e ter aquilo que eu picisava cum meu propi trabaia e esforço. Minha infância teve umas parte boa e ôtas difiçu. Eu era muito apegado cum meus irmão, primo, vizin, junto nois fazia muitas tividade cuns pais e avó e dispois divirtia bastante. Tinha a hora de trabaia e a hora de brincá. Infrentei muitas dificuldade pá sobrevivê e até hoje num me livreli delas, mas já tem muita experiência pá superá e solucioná qualqué pobrema/disafi que parecê – já passei muitos dia em runião fora da aldeia mais agradeço a Deus, foi difiçul, mais eu e os companhêro conseguimos trazê melhora pá território. Certa vez eu fiquei uma semana trabaiano numa firma sem almoço e janta, comendo só pão cum mortandela. Sobrevivi sol quente, chuva forte, violênça, massacre, tanto na luta pelo território Cuma na famia. Guardo muitas lembrança cumigo, até os dia que meus rimão nasceu, lembro. (Seu Valdemar, Julho de 2020)

Ele guarda consigo muitas lembranças que viveu, os lugares por onde andou, os conhecimentos que pegou dos mais velhos, conhecimentos sobre nossa cultura e nosso território, por isso ele é considerado o homem-memória do nosso povo:

Lembro tambem dos lugares que passei trabaiano pá sustentá minha famia e tamém em runião, encontro, seminário, palestra e movimentos culturais (Bahia, Pirapora, Pedra Branca, Ponte Veia, Correntina, Montes Claro, Valadares, Brasília, Belo Horizonte, Goiás, São Paulo, Tres corações, Alfenas, Coromondel, Formiga, Píauí de Minas, Patos de Minas, Uberaba, Uberlândia, Bom Jesus, Castelândia, Santa Helena, Rio Verde, Jataí, Pernambuco, Araçuaí, e ôtos lugar). Apesar de tanto trabaia, não inriquei de bens materiais, mais de sabedoria, experiência e valô que devemo mantê pá tê uma vida social saudave. Tamém fui bem acuido pelas pessoa por onde eu passei. Tem um ditado que diz – “O distino da vida é esse: andá tanto pelo mundo e num arrumá nada”. (Seu Valdemar, Julho 2020).

Relatou um pouco da dificuldade que enfrentou para estudar, ressaltando a importância da valorização do saber através da oralidade e da prática:

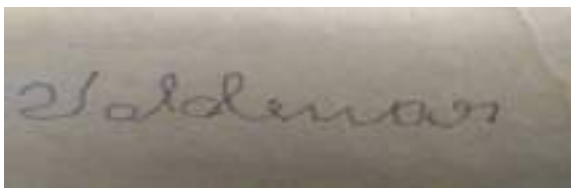
“Antigamente aqui no xakriabá num tinha escola nem professô preparado cuma tem hoje. Fui poucas veis na sala de aula e dessas poucas veis aprendi assiná meu nome compreto, mesmo que não aprendi lê nem escrevê tenho os conhicimento que meus pais, avô me ensinou, os véi que já se foi deixou muito aprendizado

importante para ser repassado aos mais jovens. Tem orgulho da pessoa que sou hoje, aprendi tudo o que meus pais e avós me ensinaram, as práticas de sobrevivência dentro da própria comunidade como o plantio de roça, fruta; o uso das plantas medicinais e demais recursos da natureza; o respeito com o ser humano, com os animais e com o meio ambiente em geral. Aprendi sobre a espiritualidade das ciências da natureza e dos costumes tradicionais do meu povo. Tem grande conhecimento do campo, uma relação muito forte com a mãe natureza e uma ligação profunda com a terra. Assim como estudei na minha infância, nem meus companheiros de luta (caciques e lideranças), foi que nós tomamos a iniciativa de correr atrás desse direito para nossos filhos, para nossa comunidade, nosso território e demais povos indígenas. E foi através dessa luta, que hoje, nossos estudantes xakriabá e outros de vários povos indígenas do Brasil, também ocupam seus espaços nas melhores universidades do país. Reforço com conselho aos professores que estão na luta ensinando, sobre a importância da aula diferenciada, fora das quatro paredes. Também falo sempre para lembrar nossos jovens sobre a sua cultura indígena tradicional que não podemos deixar esquecido/morto os costumes, tradições, a língua materna, a identidade. Peço que eles valorizem essas coisas dentro das escolas, tanto aqui dentro quanto lá fora. Valorizem também o jeito de cada aluno, seja na escrita ou na leitura, não se pode discriminar aquele que é mais devagar e apoiar só o que é mais rápido. Sou contra a discriminação de um com o outro. Em relação ao Dialeto Xakriabá (Língua Akwen), cada aldeia as pessoas falam e escrevem de acordo com sua cultura dentro de casa na família e aprendem na escola o português padrão. Antigamente nós conhecíamos “lapa”, hoje as pessoas chamam de “caverna ou gruta”; antes falavam “morro”, hoje falam “serra/montanha”; antes, “fonte/cacimba/poço”, hoje, “riacho/rio/córrego”; “mim-milho”, piloto-mocó (o mocó é um animal de caça que naquele tempo os mais velhos chamavam de piloto)... Antigamente, as pessoas se comunicavam diferente de hoje, por exemplo: “cadê sua mãe meu filho?” Assim respondia: “foi para fonte”. “Quantos pilotos (caças) você matou?” Respondia: “matei três”, então era assim que a gente falava”. Hoje em dia, falamos do mesmo jeito, só que os mais jovens mudam algumas palavras. Os Xerentes falam a língua xakriabá. Precisamos resgatar o que foi perdido/esquecido na luta pela conquista do território”. (Seu Valdemar, Julho 2020).

Figura 9: seu Valdemar como liderança assina um projeto para a aldeia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2020.

Figura 10: Assinatura do seu Valdemar


Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2020.

O seu Valdemar é um educador que ensina por meio da oralidade com os conhecimentos que tem das histórias e vivências:

“ Aprendi muita coisa em muitas ‘iscola’ que frequentei durante toda essa vida que vivi e tô vivo. Dessas iscola que digo foi a vivência cum meus pai e avô em casa e na roça/quintal, a aldeia tamém foi e continua seno uma escola um lugar de muito aprendizado, do território em geral tem aprendido muito cuns cacique e as ôtas lideranças, os lugá, as cidade que eu já fui aprendi ôtas coisa interessante”. (Seu Valdemar, Julho de 2020).

Ele explica o que é educação escolar indígena, diferenciada, de acordo a realidade indígena:

A educação iscolá indígena é mais do que ir pá iscola. Num se trata de aprendê dento de uma sala fechada, muitas veis esse jeite de ensiná é cansativo, desmotiva e istressa os aluno e quem sabe até os professô. E por essa razão, nois Xakriabá- a organização interna, corremo atrais sem desistir pá conseguí trazê aquilo que pretendemo – nossa iscola diferente da dos branco lá fora, de acordo a realidade do nosso povo, foi muitas viagem e resistência, mais graças a Deus conseguimos esse direito. Hoje, o professô pode dá sua aula oral cum as roda de conversa cuns véi, acuntece as palestra educativa sobre muitos assunto pela equipe de saúde e sigurança, assistência social e ôtas, tem ainda as pesquisa feito pelos aluno atraves de intrevista, visita nus lugá do territorio pá cunhecê o local daquilo, passeios de campo pá intendê o assunto mais a fundo e tudo que qué sabê nas pesquisa (isso é uma preparação que eles fais pá quando tivé nas univesidade formando, já sabê cuma apresentá uma pesquisa). Eu tô sempre presente nessas aula, ajudano no que posso cum meus cunhicimento que repasso na oralidade e na prática. Desde antigamente, recebo aqui em casa, muitos estudante xakriabá, as veiz de ôtas etnias e ôtos pesquisadô branco. Eles vem me perguntar tantas coisas, muitos assuntos cum muitas perguntas, buscano respostas e cunhicimentos, vão perguntano e eu vô respondeno aquilo que vejo que posso falá, eles anota tudo pá colocá em suas pesquisa de curso. Ajudo todos cum muito prazer! Faço parte do colegiado do FIEI lá na UFMG, participo de banca inzaminadôra pá ajudá formando concuri em graduação, pós-graduação. (Seu Valdemar, julho de 2020).

Figura 11: seu Valdemar em roda de conversa durante trabalho de pesquisa dos alunos



Fonte: pesquisa escolar dos alunos Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Oaytomorim (2019, p.33).

Em meio a pandemia da Covid-19, seu Valdemar procurou se adaptar às tecnologias para participar das discussões e acompanhar as demandas do seu povo em tudo que diz respeito a educação, saúde e demais áreas que ele acompanha. Essa forte atuação é possível com ajuda das diretoras da escola, vice-liderança e demais pessoas da comunidade que sempre o auxiliam no acesso às plataformas de comunicação remota e aos aplicativos. Durante este período, ele manteve seu compromisso com o Colegiado Fiei, ao qual ele é membro. Ele também acompanha as notícias dos jornais pela televisão.

Figura 12: Diana e seu Valdemar participando Live para discussão do seu memorial para o título de Notório Saber pela UFMG, plataforma Google Meet.



Fonte: arquivo pessoal da autora.2021.

Seu Valdemar é uma pessoa participativa nas reuniões internas do povo xakriabá. Também é assíduo nas reuniões externas para defesas de direitos territoriais indígenas, bem como da demarcação do Território Indígena Xakriabá:

A luta por esse território num foi fáçu, praque condo se trata de demarcá e homologá um ispaço, é muita luta, viajei divessas veis cum cacique Rodrigão e o atual também (Domingos) buscano conquistá esse pedaço de chão que hoje podemo dizê que é nosso, mas que sofremo bastante pá consigui. Lembro dos massacre que infrentamo, confronto entre nós indios e os pôsseros, grilêro de terra que invadiu aqui quereno impurrá nois cum a barriga, intão todo mundo iscundia as crianças e os véi pá num sê morto nos confronto, era uns momento muito difiçu pá nois praquê eles chegava de madrugada pá confrontá. Quem tivesse dormino tinha de acordá, muitos pá infrentá e ôtos pá se iscondê e livrá os ôtos. Nesses massacre atiráro nimim cum arma de fogo mais nenhuma bala acertava praquê Deus num deixô, eu picisava continuá essa luta até conseguí e conseguimos pois num desistimo de lutá e vamo consigui o restante cum a primissão de Deus. (Seu Valdemar, Julho de 2020).

Seu Valdemar é uma grande referencia para os jovens. Não se cansa de dizer que é preciso ensinar os jovens para que eles não percam o fio da meada e tudo que conquistaram ir abaixo. Por isso, ele está sempre por perto onde se reúnem os jovens.

Figura 13: Encontro da Juventude, Aldeia Prata, abril de 2022.



Fonte: Arquivo do grupo de WhatsApp da comunidade, aldeia Prata.

5.1. Como seu Valdemar se tornou liderança Xakriabá

Seu Valdemar relata as lembranças que tem a respeito de como foi indicado para essa missão de liderar um povo, expõe com muita satisfação essa experiência de muitos anos, explica sobre o perfil de uma liderança indígena

Atigamente, eu ia pás firmas trabaiá e condo voltava pá aldeia ficava um mês, dois e ia de novo. Inquanto num tava trabaiano fora, participava das runião e de tudo o que o finado Rodrigão (cacique da época) me mandava, me convidava, eu ia. Eu num imaginava ser liderança. Foi participano das lutas cum o cacique e lideranças que hoje tô nessa missão, a partir de que a liderança anteposta se omitia do cargo, da responsabilidade e do comprometimento com as demanda da aldeia, por estar com a idade avançada. Ele me ignorô condo uma das fia minha nasceu que fui registrar, pricisei da declaração e fui lá na aldeia Brejo Mata Fome pegar cum finado Rodrigão e truxe pra ele assiná. Condo intreguei, ele oiô o papeli e disse assim: eu aqui tá pricisano é de dinheiro né de papeli não, isso pra mim foi uma farta de educação ai ele falou isso, eu calei, vim mimbora... condo foi na quarta, eu fui lá, registrei a menina sem assinatura dele, então eles mesmo falou: se trabaiá desse jeito, ele não serve não, caça ôta pessoa, mas num citou quem era. Agora condo viero ai que ele falou que era eu que foi pá ata, deu 32 (trinta e duas) pessoa que num juntô quar ninguem esse dia, ai levou e daí algumas pessoa me criticaro dizendo queo cacique Rodrigão num ia me aceitá não, mas quando cheguei lá, foi a maior facilidade, praque Rodrigo tava doido que eu entrasse lá, ele me coincia, e ai passei a acompanha ele mais. Então foi assim que entrei pá ser liderança da Aldeia Prata, em 18 de Janeiro de 2002. Depois daí, caminhei junto cum ele, criou confiança, acompanhei e ajudei ele até o dia que ele morreu.

Sô sobrevivente do massacre dos grileiros de terra, atiraram em mim e não me atingiram porque Deus não quis num era o dia de eu morrê. Hoje eu estou aqui dano cuntinuidade da luta. Então, eu como liderança indígena, penso muito na nova e na futura geração, que no futuro vai pricisá desse inxemplo de valorizá e participá das lutas e sabê cuma infrentá os disafii, cuma tomá as decisão cum sabedoria. Pruguê num adianta uma pessoa querê sê liderança por intusiasmo, assim num funciona, tem que sê de famia da luta, de história e de muito cunhicimento precisa de toda uma preparação, participação dos assunto de interesse do povo e não só de si própi”. (Seu Valdemar, Janeiro de 2020).

Figura 14: Ato de reivindicação para ‘asfaltamento’ da BR 135, durante a Pandemia de Covid-19.



Fonte: arquivo de mídia de grupo de pessoas da comunidade- WhatsApp. 2021.

6. Seu Valdemar: um educador, dentro e fora do território.

Seu Valdemar é um educador que participa na escola, que contribui para a formação dos estudantes e dos educadores do território, compartilhando seus saberes e experiências de vida.

Todos gostam de ouvir as histórias de seu Valdemar e reconhecem que ele tem um conhecimento sobre tudo. Ele explica para os alunos do ensino médio como aprendeu sobre a natureza.

“Adquiri esse e outros conhecimentos foi observando os mais velhos, eu andava muito no mato com meu pai caçava muito animais, era na roça, na época pouco se desmatava, era bem conservado, preservado, existia muita mata virgem. Hoje, além das queimadas e desmate, encarrascou, e quando a natureza é atacada pelo fogo, não só os animais que morre e corre grande risco, o homem também se torna ameaçado, pois é uma ação e reação do próprio homem”. (SILVA, et.al., 2019, p.25)

As aulas que são realizadas no território, as quais chamamos de aulas de campo, que já são práticas pedagógicas desenvolvidas há muitos anos a partir do Calendário Socionatural das escolas Xakriabá. Por mais que planejadas para atingir alguns objetivos, sempre aprendemos além deles, pois a natureza nos ensina, nos provoca a conhecer, além do que buscamos, pesquisamos. A natureza é riqueza. Como ressalta seu Valdemar em *Live* de Julho, 2022, “o índio e natureza não tem diferença, foi criado e deixado por um só pai: Deus”.

Figura 15: Seu Valdemar e Diana na Roda de Discussão do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática, promovido pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

6.1. Seu Valdemar nos ensina a conhecer o território, a sabedoria da natureza

Essas aulas são de suma importância para os estudantes e toda a comunidade escolar, pois envolvem a todos, alunos, professores, pais, anciãos, lideranças etc. São oportunidades que temos de conhecer o território e/ou a sua história guiados pelo seu Valdemar, nosso guardião dos saberes, que se concretizam como momentos históricos de troca de conhecimentos entre escola/comunidade/natureza. Esses são aproveitados para conhecermos melhor uns aos outros, ajudar a enfrentar os desafios juntos. Nesses

encontros, além de fortalecer nossa cultura, deparamos e encontramos com pessoas, conhecimentos, emoções, amizades, conselhos, companheirismo etc, vivemos diversas experiências, atraímos as boas energias da natureza. São aulas muito ricas que colaboram não somente para a formação escolar ou profissional, mas também para a vida.

Figura 16: Regina, seu Valdemar, Creuza, Valdirene, Misael, Rafael, Abimael. Aula com o mestre no território.



Fonte: arquivo pessoal de Regina Rodrigues da Mota - Xakriabá. 2022.

Figura 17: Aula-caminhada com mestre seu Valdemar. Conhecendo um dos marcos do limite do território Xakriabá, Aldeia Prata, 2018.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 18: Aula-caminhada no território com seu Valdemar. Conhecendo um dos marcos do limite do território Xakriabá, Aldeia Prata.



Fonte: arquivo pessoal da autora. 2018.

6.2. Seu Valdemar ensina os alunos sobre nascentes e cocos do território

Em pesquisa feita por estudantes do ensino médio em 2017, na escola da aldeia Prata, com tema: “Nascentes que se secaram e as que ainda têm água”, Seu Valdemar conta para os alunos como eram as nascentes do tempo em que era jovem comparando com o tempo atual e destaca, o que para ele, é a principal causa de muitas ou quase todas as nascentes terem secado:

Aqui na aldeia antigamente existia muitas nascentes que com o tempo secou tudo. Era dessas nascentes que nós sobrevivia, usava a água para o consumo e plantava hortas ao redor, a gente colhia muita coisa como o arroz, manga, pimentão, alho, cebola, banana... A nascente que tinha por nome de Jatobá hoje, antes era coim'cida por Oi d'água, ao redor dela era bem fechado de árvore pra todo lado, não tinha derrubada, a água vinha e formava um poço grande, tinha uma árvore chamada gamelêra dum lado e a gente não esperava que algum dia essa água ia secar, pra hoje tá do jeí'que tá. Porque a gente pensa assim que quando vinha aqueles baianos dum lugar chamado Traíras, a carrêra deles foi aqui na nossa aldeia criavam gado e nos dias de hoje se fosse pra criar não dava mais, morria tudo de sede. Nunca pensamos que isso ia acontecer, é onde eu digo que cada dia que passa que a gente vai descobrir que muitas invasões do homem dá prejuízo pu'zôto, mas quem ensinou foi aqueles fazendêro invadiram as terras, eles chegaram e começaram derrubar, jogar capim, criar gado e quando eles saíram o povo aprendeu, então eles disse: nós tá é bestano aqui! Um lugar bom de criar gado e começou a derrubá tamém as árvores na beira das nascentes, fazeno queimadas e foi um prejuízo sem tamanho para eles e a comunidade toda. Até

chegar nesse ponto da gente hoje tá usando agua emprestada que vem de ôta aldeia vizinha”. (Trecho retirado do trabalho de pesquisa dos estudantes Ensino Médio sobre “Nascentes que se secaram e as que ainda tem agua na aldeia prata”, 2017, p. 19- 21).

Em outra pesquisa realizada pelos estudantes do 1º ano do ensino médio (2019) da Escola Estadual Indígena Oaytomorim, com o tema ‘Os tipos de coco do Território Xakriabá - Aldeia Prata’ (SILVA et al, 2019), o mestre seu Valdemar explica a importância de preservar a natureza para garantir a existência dela e compartilha como aprendeu os saberes do campo:

“Temos que ter um olhar de humanidade para com a natureza, ter um certo cuidado e preservar o que nos resta, “é fácil preservar”, são todos ser humano ter a mesma opinião, o mesmo olhar voltado para a natureza, é dela que respiramos, alimentamos e vivemos, a natureza só precisa que sejamos conscientes. Aqui na aldeia Prata existe o coco Raposa, tem o coco Dema, Tucum, Licuri, Cabeçudo, Gariroba, e nas regiões dentro da aldeia tem a Palmeira e o Indaiá. As variedades de coco são encontradas nos gerais e nas matas e achamos também nessas encostas mais verdes e baixas no território”. (Trecho retirado trabalho de pesquisa dos estudantes Ensino Médio sobre os tipos de coco. SILVA et. al., 2019, p. 41)

Figura 19: Seu Valdemar ensina sobre tipos de cocos aos alunos do Ensino Médio



Fonte: Retirado do trabalho de pesquisa dos alunos do Ensino Médio (SILVA et. al. 2019, p.41)

6.3. Seu Valdemar forma e orienta os professores

Nas atividades do Fiei que acontecem dentro do território (módulo e intermódulo) seu Valdemar sempre está presente. Particularmente nos encontros que ocorreram em 2022, ele discutiu, reforçou e questionou vários pontos importantes, levando os estudantes da licenciatura intercultural (Fiei) a refletir sobre a ciência. Em suas falas, seu Valdemar enfatiza que “ninguém vive sem ciência e é importante preservá-la, pois uma vez

descoberta ela acaba”. Ele recitou uma frase que seu Valdin (liderança já falecida) sempre falava: “O saber não ocupa espaço, a gente morre e não aprende tudo”, acrescentando que por mais sábia que uma pessoa seja, ela não sabe o tudo. Ele também aconselhou os estudantes do FIEI, recitando a frase: “Um pé na aldeia e um pé no mundo”, pois para nós indígenas somos inteiramente livres para ir e vir, entrar e sair, porém nesses movimentos não esqueçamos quem somos, de onde viemos, quais os nossos principais objetivos, necessidades em sair da aldeia e de retornar. Ele reconhece que podemos ter vários conhecimentos, tradicionais do nosso território como de outros. Ele ainda lembra do compromisso de darmos retornos positivos para nossas comunidades, de forma que contribua para o bem do nosso povo.

Figura 20: seu Valdemar no intermódulo do Fiei. Aldeia Prata.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, Maio, 2022.

Figura 21: Acesse o *QRCode* para assistir ao seu Valdemar na abertura do intermódulo do Fiei, maio de 2022.



Figura 22: seu Valdemar no módulo do Fiei. Aldeia Prata. Julho de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em outro momento de reunião interna na comunidade, o que se repetiu nas atividades do Intermódulo do Curso FIEI, Seu Valdemar ressalta a respeito da preservação da natureza e disse que é a favor do respeito, cuidado do ser humano para com a natureza, porque sem ela não existe vida: a vida de todos os seres vivos depende dela. Ele aconselha sempre as pessoas para terem esse cuidado e zelo. Segundo ele, existem áreas no território como serras, montanhas e outras que não podemos tocar nem desmatar, porque são áreas que Deus criou e deixou para serem preservadas e protegidas.

7. Seu Valdemar é um contador de histórias

Seu Valdemar ensina contando histórias: Loas, histórias de bichos, de pessoas. Eu aprendi bastante ao conversar com seu Valdemar e, principalmente, ao ouvir as histórias que ele conta. Seu Valdemar é um mestre sábio de muita habilidade em ensinar, a partir das histórias ouvidas e vividas, experimentadas e recebidas pelos seus antepassados.

Durante este percurso, fiz leitura de outras pesquisas, as quais descrevem as histórias que seu Valdemar conta, como a pesquisa concluída pelas graduadas Xakriabá, no Fiei, Val e Cizinha (QUEIROZ; NEVES, 2020) que escreveram sobre os mitos e contos contados pelos mais velhos, sendo um deles contados pelo seu Valdemar. Elas também tinham como objetivo registrar em gravação e transcrever essas histórias contadas pelos anciões, do jeito que são contadas, para mostrar a importância que elas têm para nosso povo e as modificações que essas histórias tiveram durante o tempo. Teve também a pesquisa de Luzionira que escreveu a respeito das loas e versos Xakriabá (LOPES, 2016). Ela ressalta em seu percurso a importância que as Loas têm na cultura Xakriabá, “uma marca registrada das festas de casamento” e os versos que, segundo ela, é “uma forma simples do povo Xakriabá expressar seus sentimentos com muita facilidade, um povo que fala pouco, mas saboreia as palavras” (p. 8). Luzionira não registra loas que seu Valdemar joga, mas ressalta que é uma tradição que são os mais velhos que mais dominam no território. Eu também estudei o trabalho de Lorena (ANASTÁCIO, 2018), uma não indígena que em sua pesquisa de mestrado buscou “analisar como a expressão poética das vozes dos contadores de história ressoam na educação escolar indígena Xakriabá por intermédio de narrativas empreendidas na performance de professores que se configuram também como contadores de histórias” (p. 12). Lorena que entrevistou seu Valdemar e registrou suas histórias fala que com sua pesquisa conseguiu compreender o papel dos contadores de histórias na cultura Xakriabá, sua função de “homens-memória” e de *conhecedores*, sendo um deles o seu Valdemar.

Aprendi bastante com esses trabalhos, porém, no meu Percurso, optei por incluir somente 10 histórias que seu Valdemar me contou nas visitas e andanças pelo território e as loas que ele jogou em um casamento que eu estava presente. Eu quis trazer a versão repassada por ele, procurando colocar no papel suas palavras, por meio da escrita, sendo o mais fiel que dei conta.

Nessas histórias e loas ele compartilha conhecimentos e metodologias valiosos e precisos, reafirmando sempre o compromisso que tem enquanto educador do povo Xakriabá e de outros povos. Ele sempre ensina algo por onde passa e as pessoas querem sempre ouvi-lo um pouco mais. Além disso, ele aproveita todas as oportunidades que tem de convívio com os jovens para contar suas histórias. Em suas conversas, ele, muitas vezes, entra com suas histórias, piadas e loas, como exemplos. Suas histórias trazem muitos ensinamentos importantes, foi por essa razão que registrei algumas delas que auxiliarão os estudantes e professores na educação Xakriabá. O principal objetivo com esse registro foi o de repassar esses ensinamentos presentes nessas histórias, valorizando e respeitando a sua oralidade³. Pretendo também organizar essas histórias em um Caderno didático para ser utilizado na escola.

³ Algumas histórias transcritas neste trabalho podem ser ouvidas na versão de 2017, publicada em Xakriabá (2020). Planejo inserir no Caderno Didático que propomos como mais um produto deste percurso os áudios das versões contadas pelo seu Valdemar nos encontros que tive com ele entre 2020 e 2022.

História 1: João-de-barro

Figura 23: História do João de Barro

Fonte: arquivo pessoal da autora. 2021.

O João-de-barro é tão ciumento que eu pensava que era coisa do ser humano, mais não, é vem de muito antigo e se saímo pelo mato, por aí assuntano a gente acha. Ô bichin ciumento! Se ele pega a joanica palestrano com ôto ele bate nela e bota na casa, ela de besta que fica com medo dele. Ele vai carregá barro até tampa a porta e deixa ela morrê lá dento. O castigo dele é pro resto da vida... Ele é um bichin muito sabido, constrói a própria casa, agora quem ensinô ele que trançá o barro com cisco segura no gaio do pau e rebocá com istrume de gado, a agua num vaza e num moia, se um bicho ir pegá ele num passa.

História 2: A história da onça

Figura 24: A história da onça



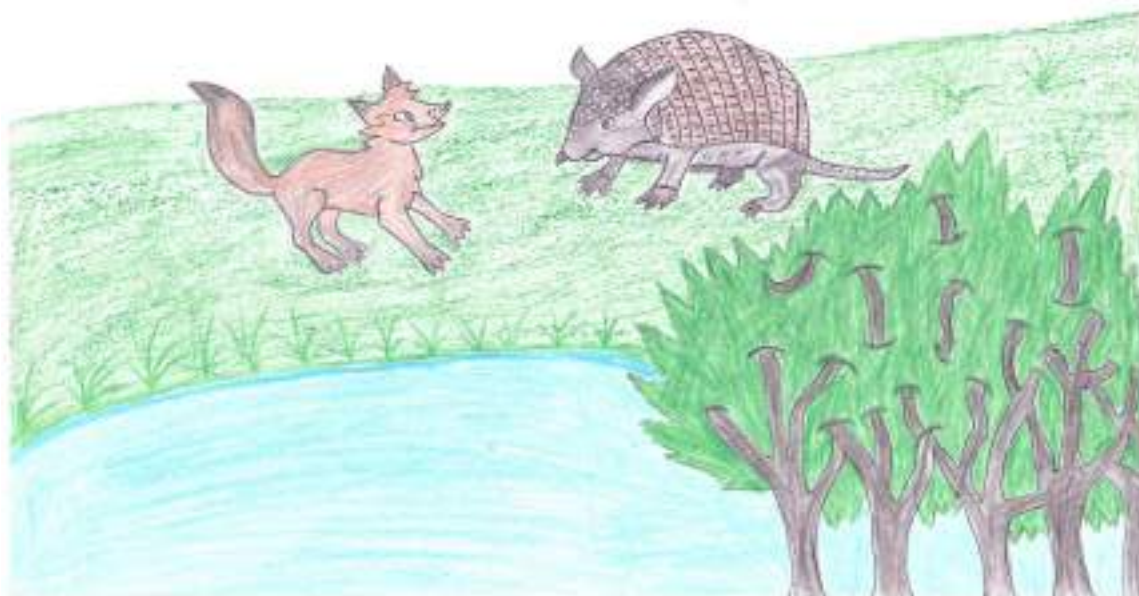
Fonte: desenho produzido pelo estudante Johny Moreira de Queiroz e autora. 2022

A onça morava mais a mãe dela numa caverna, então condo foi um dia ela amainhiceu nervosa, ai ela botô a boca no chão e foi turrar, falô: -oh minha mãe é Deus e eu. Ai a mãe foi recramô: - não minha fia, é Deus e o home, tem o home que é mais de que ucê. Ela disse: - ah, minha mãe eu num acredito não, eu nunca vi esse tali desse bicho-home. A mãe disse: - pois tem minha fia, ele mais de que ucê. Ela disse: - poisé minha mãe, se é que tem eu vou sair pra incrontá cum esse bicho-home preu vê se ele é mais de que eu. Ai ela saiu. Primeira coisa que ela incrontô foi um cavalo, ai ela rupiô e priguntô: - cê qué o bicho-home? O cavalo: - não. Né eu não, mas o bicho-home deve vim muito longe mais é vem. Ela incrontô o boi e priguntô: - é ucê qué o bicho-home? Ele: -não, mas o bicho-home é vem puraí. Chegô adiente ela incrontô uma muié, rupiô tudo e priguntô: - é ucê qué o bicho-home? Ela disse: - não, eu sou uma muié mas o bicho-home tá vino puraí, eu não sô bicho-home. Na frente ele incrontô um menino, ela disse: - me diga uma

coisa, é ucê qué o bicho-home? Ele disse: - não, né eu não, poriquanto eu sou menino, mas pra lá eu é vou, ai cê rompe ai que o bicho-home é vem purái mermo. Quando ela chegô na frente é vem um véi cum a lazarina nas costas e dois cachorrin marrado, puxano, ela viu ele e falô assim: - me diga uma coisa, é ucê qué o bicho-home? Ele disse: - sou eu mermo, cê guenta treis turros meu no pé do ouvido, ele disse: - dá seu turro ai pá mode eu vê. Ai ela fastô pá trais deu os treis turros. Ele falô pra ela: - cê fasta treis braça que eu vou dá meu pulo. Ela fastou, ele levou a lazarina nas costela dela, condo disparo a lazarina na costela ela tirou um pulo e já saiu correno e ele soltô os cachorrin, botô atrais, ela chegô na caverna só deu tempo entrar é minha mãe é Deus e o home. Não minha fia, cê num disse quera Deus e ucê, não minha mãe é Deus e o home, o tal do bicho-home samiou a marimbondada nimim e botô umas muriçoca atrais que, eu num vou escapá não eu vim foi morreno. Ai ela respeitou o bicho-home, praque fera ficô no mundo, mas num tem fera mais de que o home, praque o home na traição devora corqué fera, praque ele num vai na bruta, o animal vem bruto e o home caça jeito pá devorar ele, então é purái.

História 3: A Rainha das coisas

Figura 25: A Rainha das coisas



Fonte: desenho reproduzido: Gabriel Rodrigues da Silva e autora. 2022

Um dia, o Peba encontrô a Raposa e disse:

- Bom dia, amiga Raposa!

A Raposa respondeu:

- Bom dia! Sabe como me trata, tu me respeitá, meu nome num é raposa, cê sabe que meu nome é Rainha das coisas, faiz-se besta não corno.

O Peba ficou quetin.

Outro dia a Raposa encontrô com ele e disse:

- Bom dia, amigo Peba!

O Peba respondeu:

- Amigo Peba não, tu me respeitá... Fica sabeno meu nome é Cajuêro Peba, ispada de meia-légua, tu num faiz se besta égua.

História 4: A formiga e a cigarra

Figura 26: A formiga e a Cigarra



Fonte: desenho reproduzido por Gabriel Rodrigues da Silva e autora. 2022

A formiga estava cortando e carregando folhas e topou com a cigarra que estava cantando.

A cigarra falou:

- Para de besta formiga, fica carregando esses troncos vamos cantar.

A formiga respondeu:

- Não. Estou carregando provinho que depois no dia de amanhã não tem o que comer.

O tempo passou e quando veio a necessidade a cigarra foi pedir comida para a formiga e a formiga disse:

- Não. Na hora que eu estava carregando você estava cantando e me chamando para cantar. Agora coma a cantiga. Ai a cigarra estalou e partiu as costas, morreu.

História 5: O sapo do fogo

Figura 27: O sapo do fogo

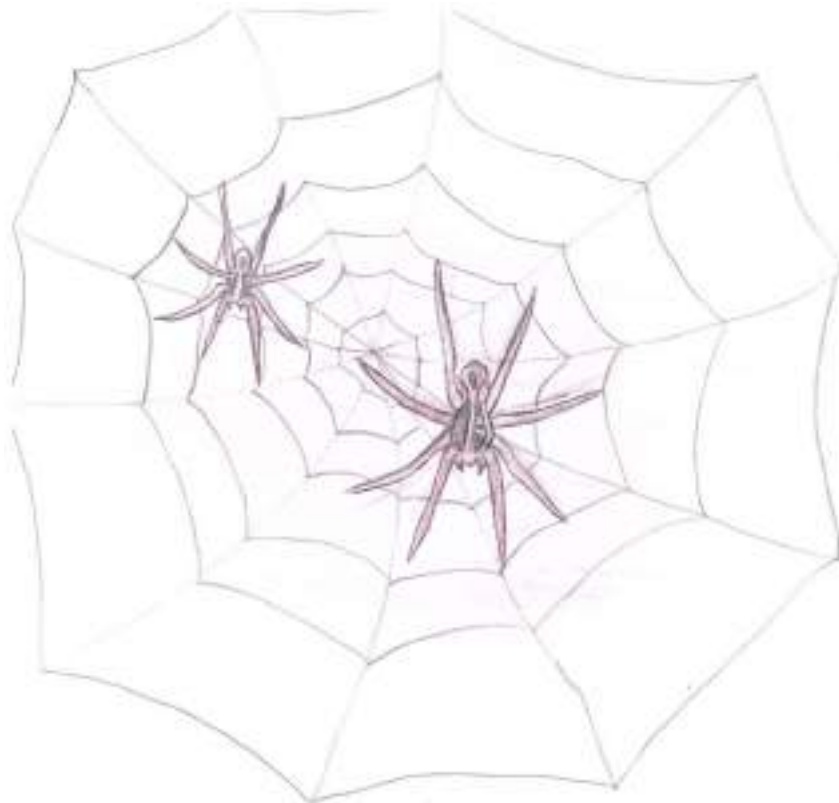


Fonte: desenho produzido pela estudante Laís Fernandes Mota e autora. 2022

O cuei vivia na lida com a onça. Condo foi um dia diz que ele correu dela entrô num buraco, no chã. Aí ela foi mandô. Condo ela vai oiانو, é vai o sapo passano: “- O quê que tá oiانو aí amiga onça?” “- É amigo cuei que entrô aqui e eu quero pegá ele. Agora que cê chegô fica oiانو aqui e eu vô caçá a cavadêra de cavá. Num deixa ele saí não! Se ele saí ocê vai vê!” Ele: “- Não! Eu num dêxo não!” O cuei vei perto da boca e ficô cumeno. O sapo: “- Quê que tá cumeno aí amigo cuei?” “- Cumeno aminduim que eu peguei lá na festa.” “- Me dá tamém?” “- Fecha bem a boca e arregala os ói!” Tocô pimenta nos ói do sapo. Ele fico lá cavacano, ele saiu e saiu doido. Com pôco a onça chega: “- Cadê ele?” “- Ele tá ai. Ela cavacô, condo deu no fim do buraco, disse: “- Ah... amigo sapo, cê deixô o amigo cuei imhora, cê vai me pagá!” Pegô ele, ia jogá no fogo, ele disse: “- Êta amiga onça, me joga no fogo mais num me joga na água!” Aí ela pensô que na água ele murria, no fogo ele iscapava, praquê ele pediu. Que ela ia jogá ele no

fogo ia quemá ele. “- Me joga no fogo mais não me joga na água!” Aí ela virou pro poção d’água bem fundo escolheu bem fundo, tiçõ ele. Condo tiçõ ele, ele abriu as pernona: “Ê bicha besta! Aqui que eu queria que cê me jogasse! Eu sô é d’água mesmo! Ela perdeu tempo com ele. Aí o cuei diz que foi nessa luta com a onça e resultô cabano com ela. Diz que um dia ela pegô ele disse: “-o amigão, se ocê não me matá eu vô dá um boi gordo procê cumê!” “-então cê traga mesmo, mais si ocê não trazê, eu te pego!” A senhora esconde aqui dento desse buraco, a hora que eu vim, fica escondida porque o boi é muito real, si ele te vê, num encosta não. Aí eu venho gritando, sê fica quetinha que eu vô trazê, na hora que passá aqui, ocê péga! Ai a onça ficô dento do buraco. Ele garrô gritano como fosse gado, veio rolano uma pedrinha, quando ela ficô preparada pru pulo, centô a pedra nela. Matô! Acabô a pissiguição. Disse que ela pissiguiu a vida toda e não conseguiu. Ele era mais sabido que ela, até hoje ele é sabido, porque deixa pá drumi de dia.

História 6: Aranha mãe e aranha fia

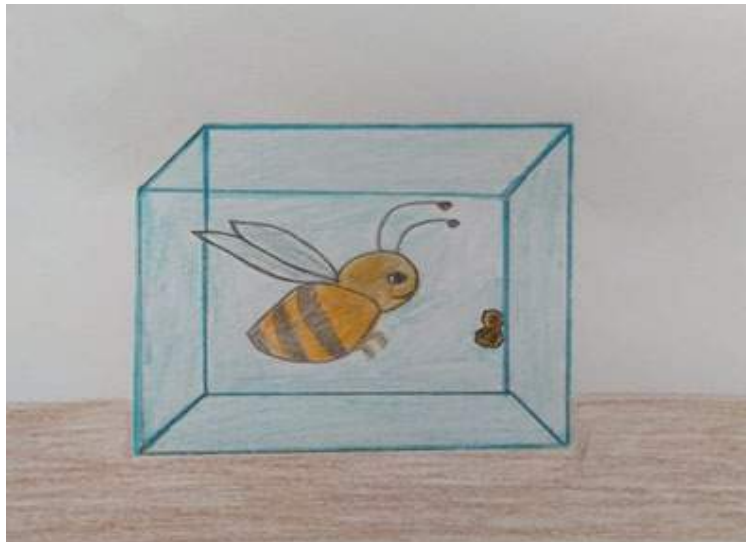
Figura 28: Aranha mãe e aranha fia

Fonte: arquivo pessoal da autora. 2021

A aranha pediu água a fia. A fia disse: - Mãe num posso tô'cupada. - Por favô minha fia, traga água pra mim. - Não mãe, tô'cupada. - Quê que cê tá fazeno minha fia? - Tô teceno vou levar água não. - Pois é minha fia cê tá tecendo num vai trazer agua pra mim. Cê vai viver no mundo só teceno e com a bunda de fora. (A aranha tece, tece e não veste).

História 7: O homem que queria entender de tudo no mundo

Figura 29: O homem que queria entender de tudo no mundo



Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2021.

Certa vez, esse homi quiria intender como que a abêa fazia o mel. Então prendeu uma na vitrine e ficava dia e noite pra lá e pra cá oiano esperano ela fazer o mel, mas teve uma hora que ele discuidô e drumiu e condo acordô que oiô já tinha uma caxetinha de mel feita.

História 8: O caminhoneiro que transportava bode

Figura 30: O caminhoneiro que transportava bode



Fonte: desenho produzido por Gabriel Rodrigues da Silva e a autora. 2020.

É ia um home viajano pá Bahia cum caminhão chei de bode ai no camin encontrô oto caminhonêro que falou assim: - Moço cê vai cum esse caminhão de bode vai ser multado, a poliça rodoviára tá ai na estrada e tá multano todo mundo, num passa ninguém. - moço... Mas eu tem que passar. - pois cê vai ser multado. Condo chegou mais na frente, ele comprô uns boné e colocô nos bodes e seguiu viaje. Quando pensô que não, já de noite, a poliça tocaiô e disse: - ei! Quê que cê tá levano nesse caminhão? - vou levano uns policial. Tem uma revolta na Lapa do Bom Jesus e pediu reforço, tô levano esse caminhão de segurança pra lá. -tem comandante? - tem. - deixa eu dá uma conversada quele? - não. Não vai conversar com eles não que eles tudo é evangérco e tão tudo fazeno oração. - ah! Então deixa eles fazer a oração deles. Mas me diga uma coisa cês vai é pá Lapa mesmo né? O bode respondeu de lá: éééé... A poliça falou: então, pode ir, pode ir.

História 9: O franguim esperto

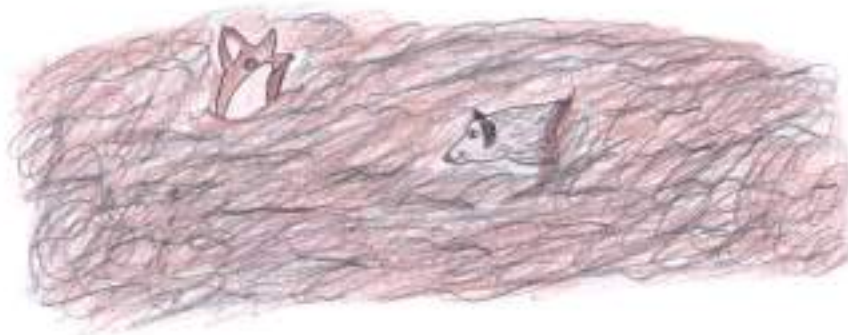
Figura 31: O frangim esperto



Fonte: Autor: Fábio Rodrigues de Souza. Aluno ensino médio (ano 2019).

Tinha um franguin que tava ciscano, a raposa chegô e oiô nele e disse: - bom dia amigo cumido! Ele oiô pra ela e falou: -cê tá muito enganada. Ela disse: - mais quem cê tá ai? Ele respondeu: - tô mais amigo cachorro. Ai ela perguntou: - e cadê ele? - ele saiu prali mais volta logo. A raposa saiu fora, correu. O franguinho estava sozinho.

História 10: A cadela e a raposa

Figura 32: A cadela e a raposa

Fonte: desenho produzido por Gabriel Rodrigues da Silva e a autora. 2022.

A raposa tava pegano galinha ai o home: cadê minha amada?

Botô cadela nela. Ela saiu fazeno volta e a cadelinha atrais. A raposa pensô assim: vou enganar essa cadela. Ela sabia dum atolêro e seguiu pra lá.

Quando chegô no atolêro, ela disse: passei ponto, mas num foi ponto, passei vela, mas num foi vela. Aqui agora que eu quero vê a fama dessa cadela, pulô dento da lama e atolô. A cadela pulô, foi nadar e foi mordenô a guela dela. Ela disse assim: solta minha guela deixa eu conversá – na hora da minha morte eu ainda escutei a cantiga do galo se eu não morresse agora, um hora nois inda contava o causo. A cadela matô ela.

História 11: Niceta

Figura 33: Niceta

Fonte: desenho produzido por Gabriel Rodrigues da Silva e a autora. 2022

Tinha um caçador que disse: _ vamo esperar dia de São Berto, 24 de agosto. E ai condo ele subiu pá espera, condo cuidô pegô uma veadinha parida Cum a finha... é vai passano, o caçador engraçou na mãe: _ vou matar. Condo ele atirô a veada tirou um pulo pá trás, ele oiou pá trás: _ foi uçê que espirrou ai niceta? Ai a pequenininha: _ não. E ficou oiando o home descer e saiu pra lá.

Figura 34: Acesse o *QRCode* para assistir ao seu Valdemar contando esta história durante a caminhada no Tabuleiro do Pesador.



A experiência de ouvir essas histórias, contadas pelo seu Valdemar, me trouxe vários aprendizados. Cada uma delas causou reflexões em mim que podem ser diferentes das

reflexões que outros leitores farão, pois o modo como seu Valdemar conta essas histórias parece que é para cada um tirar o melhor proveito dela para si e para outros. No meu caso, quando penso na história João de Barro, ela me ensina a respeito da sabedoria que uma vez usada de forma inteligente, traz resultados positivos e muitos benefícios. Mas, temos de ter o cuidado para não usar a sabedoria de forma errada, para prejudicar o próximo, por exemplo, dessa forma que o João de Barro faz com a Joanica. Isso é o que eu aprendo quando ouvi essa história. Na história da onça, aprendi a respeito da humildade, a não enaltecer assim como a onça. Entendo que Deus criou tudo para um propósito e não adianta querer mudar nada sem a sua autorização. Essa é uma história que apresenta uma lição muito importante para a vida. A história, A rainha das coisas, me fez refletir sobre o que é ser de verdade. Na história da Formiga e a cigarra, entendo que ela aconselha a fazer o que é necessário no momento oportuno e não deixar para última hora, pois pode ser tarde demais. Não deixar para amanhã o que pode fazer hoje. Muito aprendi com a história O sapo do fogo, a respeito da perseguição que perseguir o coelho não foi lucro para a onça, foi perda de tempo e perda da própria vida dela também. Deu uma de esperta perseguindo o coelho e acabou consigo mesma. Ao ouvir a história Aranha mãe e aranha filha, confirmei a importância de esforçar para ajudar o próximo pois o bem que fazemos ao outro retorna a nós em forma de benção. Aprendo também sobre o poder da palavra. Faço também a reflexão: Do que adianta tecer, tecer e não vestir? Na história O homem que queria entender de tudo no mundo, confirmo sobre não querer entender tudo e, sobre nunca dormir enquanto vigia algo. A história O caminhoneiro que transportava bode orientou mais uma vez para quando ser avisada de algum desafio que vier, não desesperar, pensar nas possibilidades de solucioná-lo. Nessa história percebe-se a esperteza do caminhoneiro, quando se viu sem alternativas para passar das barreiras dos policiais. Acabou inventando uma história lógica que os convenceram. Com a história O franguin esperto, aprendo que na hora do perigo, às vezes precisamos usar a sabedoria para escapar dele e sobreviver. A história A cadela e a raposa, aprendo com esta história a respeito de não tentar ter vantagem na vida, quando isso custa o mal do outro. E na última história Niceta, muito aprendo com essa história engraçada. Quando seu Valdemar contou essa história, lembrei que meus avós falavam que não podia fazer certas atividades nesses dias “santo”, porque pode ser perigoso e sem sucesso.

8. Loas do seu Valdemar

Segundo seu Valdemar, jogar loas na mesa de casamento é uma tradição de muito tempo, dos nossos antepassados, repassada de geração em geração e foi assim que ele aprendeu. É uma prática da oralidade dos nossos anciãos que não conseguem ler nem escrever que compartilham conosco muitos conhecimentos e nos ensinam lições de vida. Seu Valdemar deseja que nossos jovens Xakriabá aprendam essa prática também, pois, como ele fala, nossos anciãos não são eternos e não devemos deixar essa cultura adormecer, sendo uma tradição muito rica que nos transmitem sabedoria.

As loas ou alôs de casamento é a mesma coisa de versos com rimas. A hora de falar os alô na mesa de casamento é um momento harmonioso, alegre, animado e de muitas risadas, em que os jogadores ficam cada um na ponta da mesa e vão desafiando um ao outro a jogar de uma forma sábia. Um vai obrigando o outro a dar uma resposta que eles chamam de arremato, uma loa vai puxando a outra. Para seu Valdemar, os alô são uma forma de aconselhar os noivos e os demais casais presentes no casamento. Ele relata com muita preocupação que percebe essa prática acabando dentro do território, porque na atualidade são poucas pessoas das aldeias xakriabá que ainda mantêm essa tradição. Ele sente que está acabando. Abaixo alguns alôs que seu Valdemar costuma jogar nos casamentos, uma ele jogou em 2020 e a outra em 2022.

Figura 35: Loas de casamento, jogadas pelo seu Valdemar, julho de 2020.

- A gente chama também de alô de casamento. Tinha um véi chamado Estivi que jogava esse aqui:

*“Meu fi cê pá casá
É piciso tê disposição
Derrubá mato no chão
Prantá mii e feijão
Comprá toicin e sabão
Que isso é de obrigação.*

*Moço cê num incosta ni parede
Que parede larga tinta
Num tapêa moça alêa
rapaizin da cara limpa.*

*Bezerro de vaca preta
Onça pintada num come
Quem casa com muiê feia
Não tem medo de ôto home
Quem casa com a bunitinha
Leva chife e passa fome.*

*Chove, chove
Na copa do meu chapéu
Pai nosso de muiê
Num leva home no céu.*

*Fii de pobe num tem sorte
Fii de rico num adivinha
Quando o fii do pobe pega um tatu come sem farinha
Quando compra a camisa
falta a linha.*

*Condeu te amava
Eu pulava cerca de espin
Hoje eu não te amo mais*

Num quero vê nem seu fucin.

Eu ranquei um pé de mandioca

Deu sem quarto de farinha

Eu ranquei uma raposa dento do papo duma galinha

Quem quiser acreditar acredita

Quem num quiser vai a cabeça da madrinha.

Tem coisa nesse mundo que é impossível

As meninas da missão sem ter honra ao que diz

Sobe no toco raiz.

Na gaia do pau mais alto

Eu vi abêa frechá

Abêa que num dá mel

Dá cera da samborá

O mel é pra tu cumê

A cera é pra tu lumiã.

(Antigamente, quando num tinha energia a gente usava o candiêro e da cera da abêa fazia os pavil que era usado no candiêro).

Meu cavalo e minha muié

morreu tudo num dia

do cavalo eu senti pena

da muié eu senti alegria

porque cavalo bom de rêdia é difícil

muié ruim é todo dia.

Nois avista melancia

Coco doce tá na terra

Quando eu quero falar não posso

Quando posso num tem tempo

Beba iaiá de cocó

A festa que tem muita gente pra mim chega o dia ô...

*Deus condo andô no mundo
 Dexô asseparado
 Mata verde para nambú
 E carrasco pa viado
 Cariri pa plantá cana Sertão pra criá gado.*

*O tatu mora no buraco
 Aranha mora na teia
 Coração morava dento do peitio
 O sangue mora na veia
 No Brasil num inxiste muiê feia [...]*

*Quato coisa nesse mundo
 Que eu morro e nunca ei de vê
 Home rico, dia são Cavalo manco corredô
 Moça bunita sem fama
 E terra boa sem chuvê.*

*Subi serra de fogo
 Com precata de algodão
 A precata pegô fogo
 Eu disci com pé no chão
 Só num queimei meu pé
 Pruque só neto de Jeromão
 Jeromão dessa aldeia
 Foi um capitão.*

Descobri que as loas que Seu Valdemar joga são histórias que ele guarda na memória desde a sua juventude:

Figura 36: Loas de casamento, jogadas pelo seu Valdemar, janeiro de 2022.

*Um dia eu tava num casamento na aldêa Pedra Redonda né aí entrô um bebo,
quereno me maltratá:*

Cê tá aí quereno ser o bonzão

Viru ocê de cabeça pra baxo

Num só besta

Nem tenho um tustão.

Eu disse: Sai daqui testa pelada

Testa de tampá durão

Cê pra mim é um cumedô de carniça

No fundo do Riachão.

Eu num bebo cachaça porque tenho medo

Cachaça é boa mas num é brinquedo

O home que bebe num guarda segredo

Deita tarde lavanta cedo

Cum a boca margando e cuspino azedo

O home que bebe tem isprito de loco

Bebe uma garrafa dizem que é pouco

Chega em casa e chega falano rôco

A muié e os fii ele leva tudo no sóco

Cum a boca fedeno ovo chôco.

Eu bebo pinga porque gosto dela

Eu bebo da branca, bebo da marela

Num acho o copo bebo na tigela

Passa no Marcelo morrer sem vela

Morre sem vela mas o lito tá do lado

A alma sai do corpo sai toda sapecada

Chega no céu e bate na porta

São Pedro vem com a cara fechada

Aqui num entra embriagado

O home que bebe pensa que é profissão

Quando ver um copo encima do barcão

Os zói é aceso quem um lampião.

Cachaça, moça branca fia duma muié intriguêra

Quem ama cachaça num ajunta dinheiro

Chega em casa larga a cama, drome no terrêro

Cata toco de sabuco e grita eu sou fazendêro.

Sarto de purga

carrêra de lebre

se a pinga tá no copo

pruquê que num bebe.

9. Histórias e saberes do Seu Valdemar sobre plantas medicinais

“Acho que os mais jovens pá aprender é levar eles pá dentro da educação nas escolas, explicar pá eles, existe aquele passeio de campo, os mais vei passava pá gente eles ia no campo e ia mostram, isso aqui é isso, assim a assim, serve pra isso serve pra quilo, então esse conhecimento hoje ele pra atua tem que ser desse jeito, por exemplo: os professor tirar os meninos de dentro da sala e sair um passeio de campo com a pessoa que intende, sentar lá mostrar eles, sentar lá explicar, então hoje esse conhecimento tem que tá, porque ele é um conhecimento no mesmo tanto ele é uma tradição, uma cultura, e não pode deixar, no dia de amanhã procurar e não tem”. (Trecho de entrevista feita ao seu Valdemar, em 07 de out. 2017, extraído de ARAÚJO, 2019, p.43)

Para compartilhar os saberes do seu Valdemar sobre plantas medicinais com mais pessoas da aldeia e do território, combinei com o mestre de realizarmos uma caminhada pela aldeia para localizar as plantas medicinais e, a partir disso, fazermos um mapeamento delas. Ele concordou e assim realizamos o que chamamos de aula-caminhada com a participação de alguns estudantes do Fiei, do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e de professores da Escola Estadual Indígena Oaytomorim. Fomos acompanhados pelo seu Valdemar.

No dia 13 de março de 2022, reunimos na escola e saímos caminhando pelo território da aldeia rumo a um tabuleiro chamado Tabuleiro do Almeida. Lá seu Valdemar nos mostrou muitas plantas, falando o nome e detalhando o modo de usar, a parte que é usada, como preparar o remédio, a quantidade que toma. Ele ia explicando a ciência de cada uma e contando as histórias das plantas. Nessa aula-caminhada, conhecemos as seguintes plantas: rubarbo, alecrim do campo, rosa do campo, sexta-feirinha, velame, pau-terra, quina-branca, quina-preta, sambaibinha, tiborna, arcanfor, calunga, manacá, roseta, folha larga, sucupira, jatobá.

Figura 37: Aula-caminhada na aldeia Prata para aprender sobre plantas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, maio, 2022.

No dia 12 de maio de 2022, realizamos outra aula-caminhada pela aldeia, desta vez no Tabuleiro do Pesador que, segundo seu Valdemar, chama assim porque antigamente existia muita planta lá com esse nome. Ao chegarmos no local, seu Valdemar contou a história do Senhor Arnaldo que mora lá, como e porque ele foi morar lá e como conseguiu construir um barraco mais seguro para ele. Em seguida, ele aconselhou os mais jovens que irão votar esse ano pela primeira vez para pensarem bem e terem o cuidado, pois é necessário saber escolher o candidato certo que se importa e apoia as causas dos povos indígenas. Ele disse que é preciso pessoas que nos representem com respeito e dignidade, não aqueles que pensam em si próprios e que lutam, tentando retirar ou violar aquilo que está constituído por direito.

Figura 38: Acesse o *QRCode* para assistir ao seu Valdemar aconselhando sobre a importância da preservação das nascentes.



Como eu ressalté na introdução deste trabalho, seu Valdemar é um conselheiro do nosso povo, ele aconselha os jovens, sem perder cada oportunidade que tem, como ocorreu durante essa aula-caminhada. Os estudantes fizeram suas observações e

comparações entre seus jeitos de vivência com a vivência do Seu Arnaldo por meio de perguntas ao morador que vive lá sozinho, isolado e que preserva o jeito de viver tradicional antigo do povo Xakriabá (sem água encanada, sem energia elétrica, etc). Logo após esta parada, fizemos um piquenique no local e, enquanto retornamos, conhecemos mais algumas plantas medicinais, como mangaba, perdiz, capim papo-de-ema, arcansú. E também as receitas delas.

Figura 39: Durante a aula-caminhada, parada na casa do Sr. Arnaldo, no Tabuleiro do Pesador



Fonte: Arquivo pessoal da autora, maio, 2022.

Após concluir as caminhadas pelo território, desenhamos o mapa localizando as plantas medicinais, juntamente com alguns estudantes do Ensino Fundamental II que são meus alunos e vizinhos, os quais participaram das caminhadas. Foi uma aprendizagem maior. Para o mapa utilizei os seguintes materiais didáticos: cartolina, pincel, lápis, régua, lápis de cor, caneta, caderno diário de campo com os nomes das plantas medicinais etc. Uma atividade que muito acrescentou pois foi realizada em coletivo a partir das observações feita tanto no momento de ilustrar como durante as caminhadas pelo mato.

Mapa das plantas medicinais

Figura 40: Mapa das plantas medicinais. Aldeia Prata. Território Xakriabá.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2022.

Seu Valdemar é raizeiro, ancião conhecedor e guardião das ciências da medicina tradicional Xakriabá. Ele me contou que aprendeu sobre as plantas com seu pai e avô:

Aprendi mais sobre as pranta que servi pá remédio foi cum meu avô, quando eu era minino, depois de um tempo ele faleceu ai eu e meu pai já coincia muitos tipo de remédio que ele insinô. Tinha um véi tamém que morava no Riachin, chamava Máximo, ele era raizêro e receitava remédio, eu tinha muita amizade cum ele e a gente conversava bastante, fui muitas veiz drumi na casa dele e ai, de dia, nois saia no mato conhecendo esses remédio, então foi assim que fiquei conhecendo esses remédio. (seu Valdemar, gravado em março de 2022 e transcrito por Valdirene)

Durante as aulas-caminhada utilizei caderno de campo, caneta, aparelho de celular (gravador, câmera de vídeo e foto) para anotar, gravar as receitas, fotografar as plantas e Seu Valdemar.

Segundo seu Valdemar, algumas plantas estão em pouca quantidade como paconha, pulgueiro, pacari, mangaba, dentre outras. Abaixo, registro algumas receitas da medicina tradicional que seu Valdemar costuma preparar, a partir dos áudios que gravei das histórias que ele contou, localizadas nos tabuleiros de Almeida e do Pensador.

Assim como pretendo fazer com as histórias, planejo fazer um Caderno didático com o mapeamento das plantas, histórias e receitas dos remédios que podem ser feitos com elas. Vejamos as plantas que mapeamos durante as aulas-caminhadas:

Alecrim-do-campo

Figura 41: Alecrim-do-campo, localizado no tabuleiro do almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura gripe, dor e mal-estar no corpo. Faz o chá das folhas.

Preparo: Pode cozinhar a planta e tomar banho também.

Ruibarbo

Figura 42: Ruibarbo localizado no Tabuleiro do Almeida, Aldeia Prata.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura dor na costela, na coluna, inflamação no pulmão e no intestino, cura também tosse comprida.

Preparo: Ferve a casca da raiz com água e toma três doses por dia até melhorar.

Arcanfor

Figura 43: Arcanfor, localizado no Tabuleiro do Almeida.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura estômago, ferimentos.

Preparo: Raspa a raiz e deixa secar coloca de molho dum dia para o outro e toma para o estômago e para o ferimento lava, se precisar de usar e a raspa for fresca, deixa de molho por dez minutos.

Sexta-feirinha

Figura 44: Sexta-feirinha localizada no Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura mal-estar no corpo causado de mau-olhado, dor e inflamação no estômago.

Preparo: Deixa a raiz de molho e toma.

Manacá

Figura 45: Manacá. Tabuleiro do Almeida.



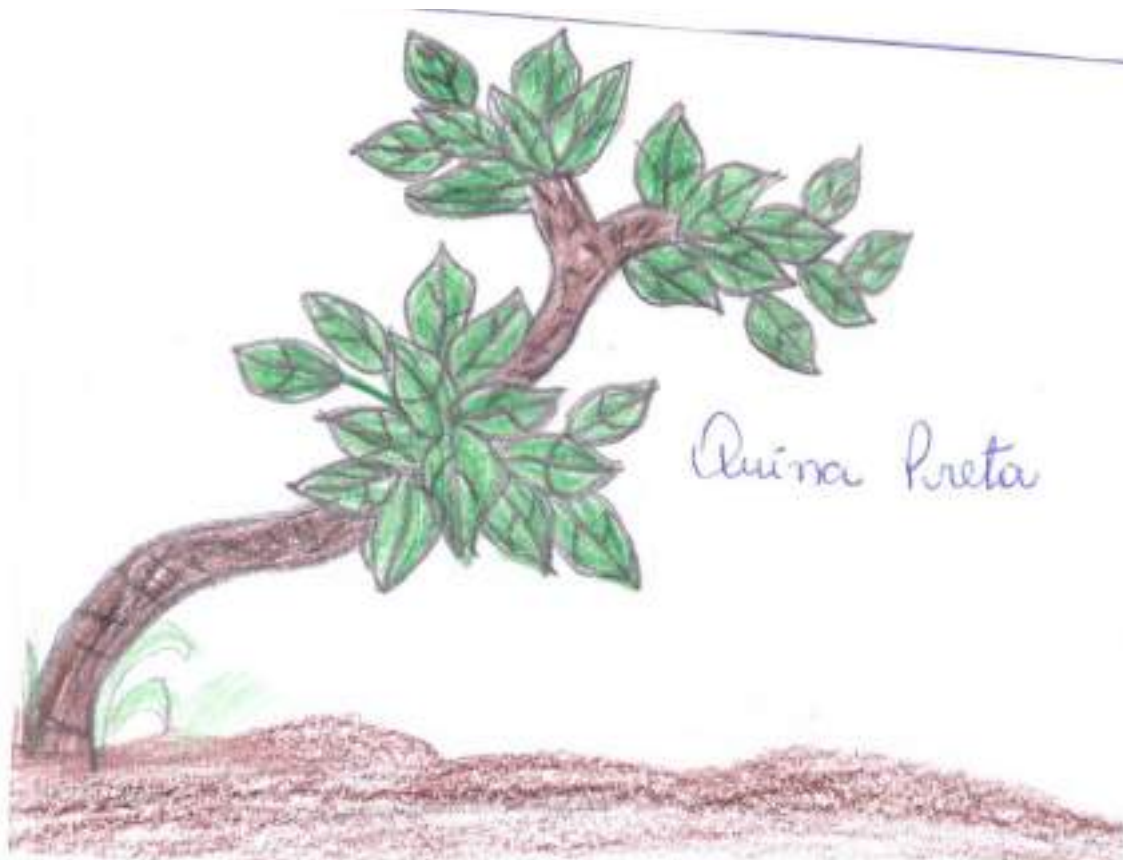
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura dor no estômago.

Preparo: pega a raiz, coloca para curtir e toma de manhã e a noite.

Quina-preta

Figura 46: Quina-preta. Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

É boa para a saúde do homem. Cura tosse, gripe e dor no estomago.

Preparo: Põe a entrecasca da raiz de molho na agua por alguns minutos e toma.

Quina-branca

Figura 47: Quina-branca. Tabuleiro do Almeida.



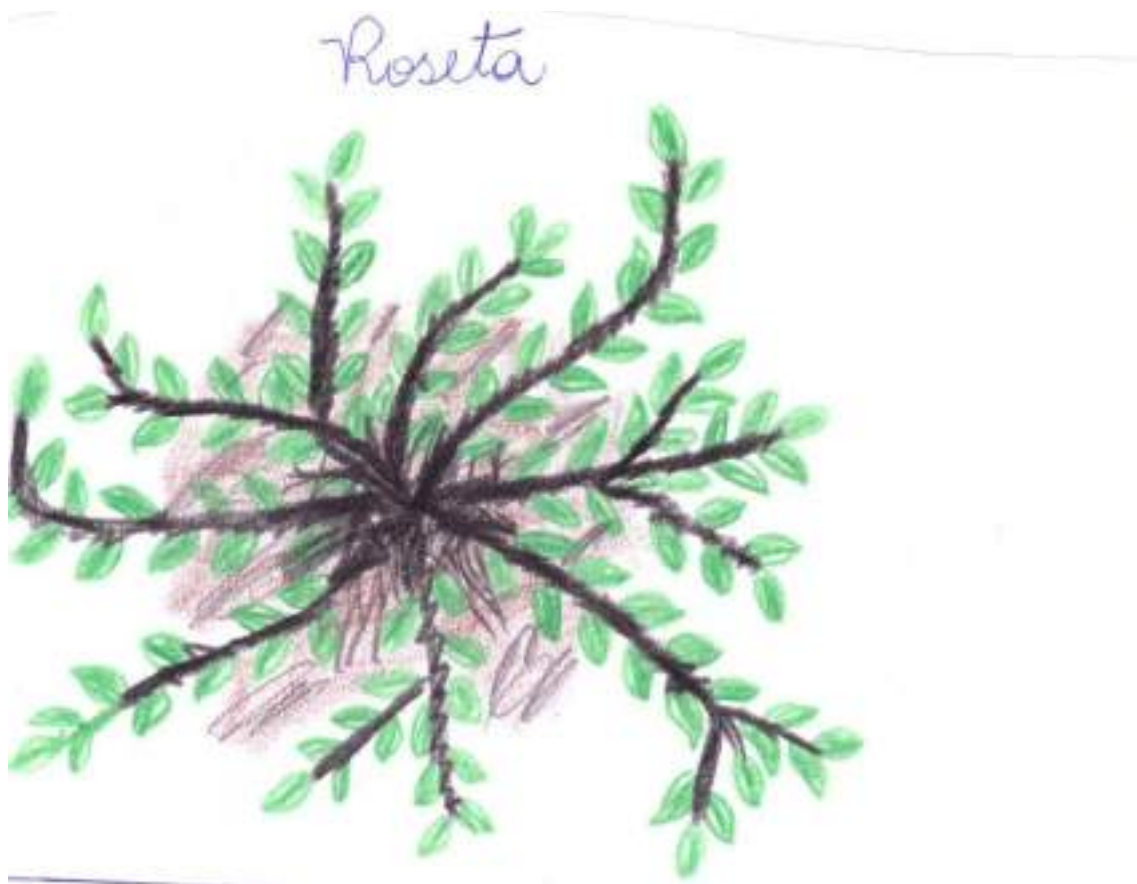
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Muito boa para a saúde da mulher. Cura gripe e tosse.

Preparo: Tira a casca do caule, cozinha e toma o banho da cabeça aos pés. Pode cozinhar também as folhas e lavar o cabelo que ajuda no crescimento e o deixa crespo/cacheado.

Rozeta

Figura 48: Rozeta. Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Melhora o sangue, cura dor de barriga e ferimentos.

Preparo: coloca a raiz de molho e toma. Raspa casca e deixa secar ao sol, moi e coloca raspinha no ferimento.

Folha larga

Figura 49: Folha larga. Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Serve para a mulher que sente dor de parto.

Preparo: Cura dor na costela e dor de pancada. Cozinha o “olho” (as folhas mais novinhas) e toma.

Sambaíbinha

Figura 50: Sambaíbinha. Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura dor no estomago, espinhela caída, pancada inflamada no corpo (braço ou perna quebrada).

Preparo: Usa a raiz deixa curtir na agua e toma várias vezes até melhorar. Para curar fraturas, pega a folha, amassa, põe sal e amarra encima da fratura.

Calunga

Figura 51: Calunga. Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Serve para lavar a cabeça para curar gripe, não pode tomar muito porque é muito forte e perigoso causar outras reações no corpo.

Preparo: Usa a raiz, raspa e coloca de molho na água e toma.

Tiborna

Figura 52: Tiborna. Tabuleiro do Almeida.



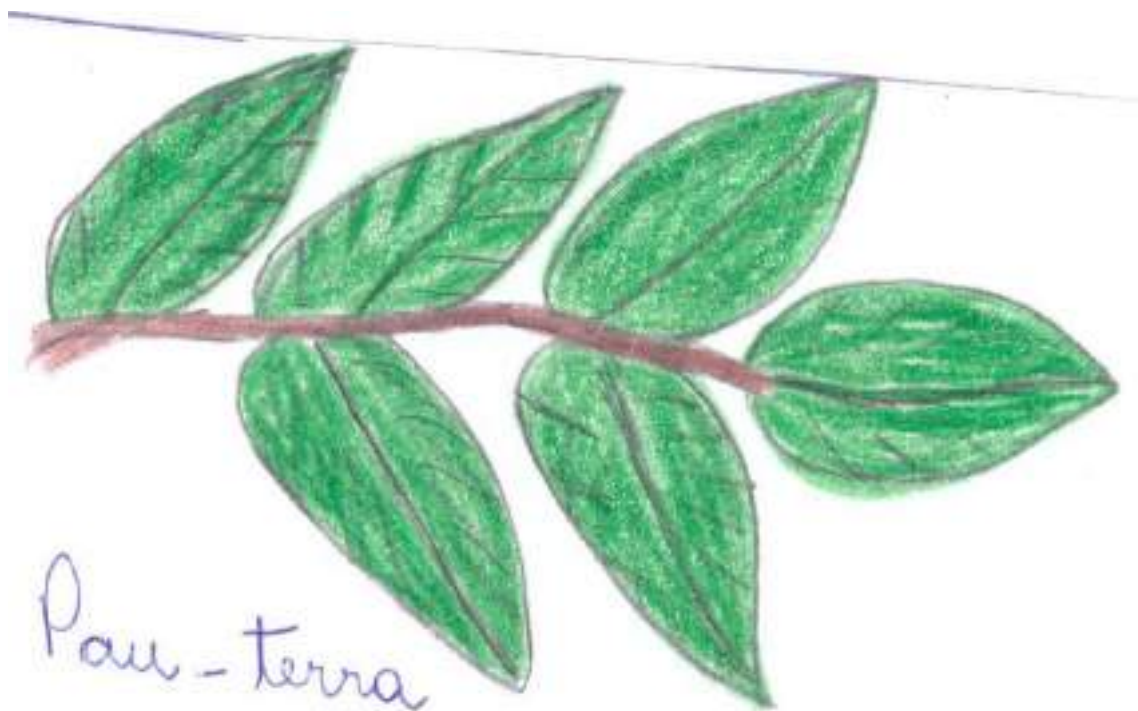
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Serve para curar furúnculo, é usado o leite. Purgante para o estomago.

Preparo: raspa a raiz e põe de molho ao sereno à noite. Tomar pouco. Se for viajar, não pode tomar.

Pau-terra

Figura 53: Pau-terra. Tabuleiro do Almeida.



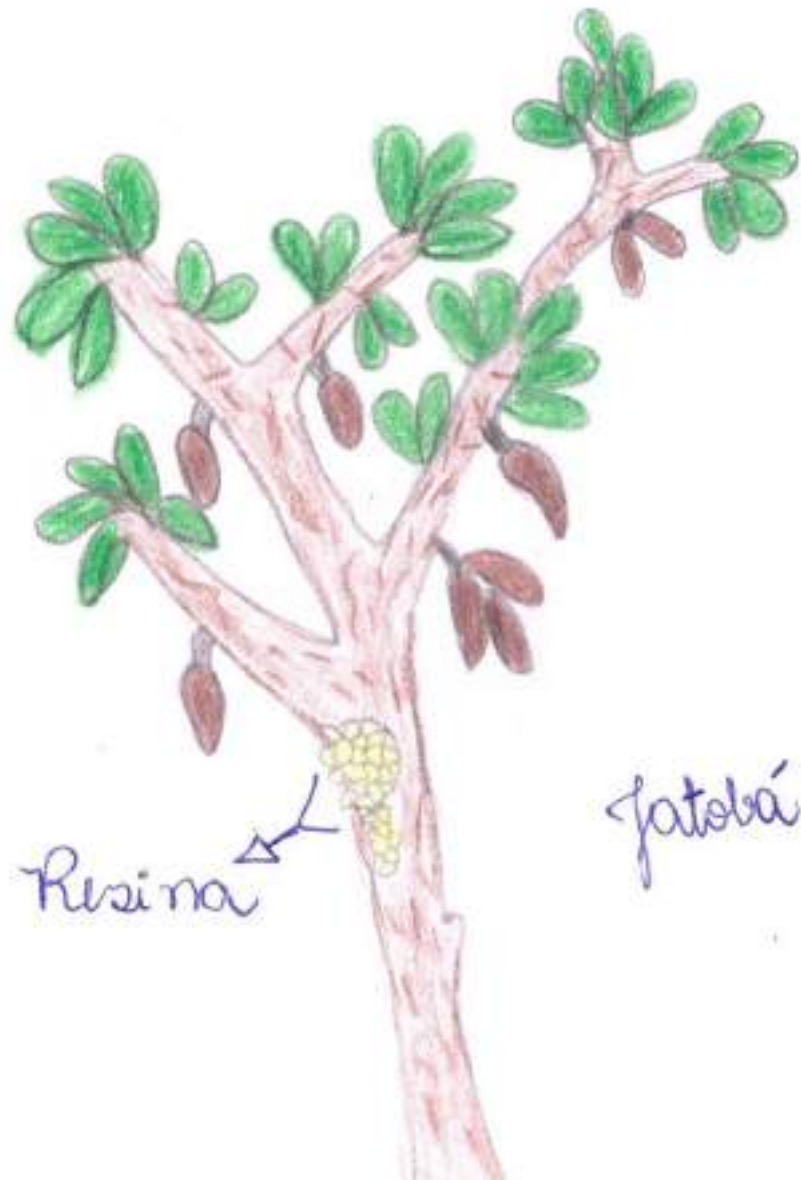
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Para curar disenteria, vomitadeira e inflamação.

Preparo: faz o chá da folha (para criança com disenteria). Coloca entre casca de molho na água, juntamente com outros remédios como o jatobá e sua resina, o pacari e entrecasca de grão-de-galo (inflamação).

Resina de Jatobá

Figura 54: Resina Jabotá. Tabuleiro do Almeida, tabuleiro do pesador, próximo a escola e em demais lugares na aldeia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

É uma planta frutífera, seu fruto é comestível e serve para curar inflamação no corpo, dor no estômago aumenta a imunidade.

Preparo: deixa a casca de molho na água, ou pode ferver também, podendo conservar na geladeira e vai tomando diariamente. A sua resina também é remédio, moer e tomar.

Sucupira

Figura 55: Sucupira. Tabuleiro do Almeida e do Pesador.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

É encontrada nos tabuleiros do almeida e do pesador, no quintal da escola e em toda a aldeia.

Cura gripe atacada na garganta e câncer na garganta.

Preparo: pisa a semente e toma no café, ou pode fazer o chá da casca também (para gripe).

Colocar a semente pisada de molho no álcool e gargarejar (para o câncer).

Rosa do campo

Figura 56: Rosa do campo. Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

É boa para melhorar o sangue quando tá fraco. Muito boa também para a saúde da mulher, quando está desanimada.

Preparo: Raspa a raiz e deixa curtir, toma uma dose pela manhã e à noite.

Velame

Figura 57: Velame. Tabuleiro do Almeida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Faz o chá da raiz para criança, cura problemas no sangue, ferimentos e lixas no corpo. É bom para curar feridas no corpo em crianças e também para os dentes.

Preparo: faz o chá da raiz para curar feridas no corpo.

Arcançú

Figura 58: Arcançu. Tabuleiro do pesador.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Serve para curar tosse. Cura também anemia no sangue, doenças respiratórias como gripe e tosse.

Preparo: cozinha a casca, faz xarope e toma ou banho.

Figura 59: Acesse o *QRCode* para assistir ao seu Valdemar e D. Anair ensinando a preparar o arcançu.



Capim papo-de-ema

Figura 60: Capim papo-de-ema. Tabuleiro do pesador.



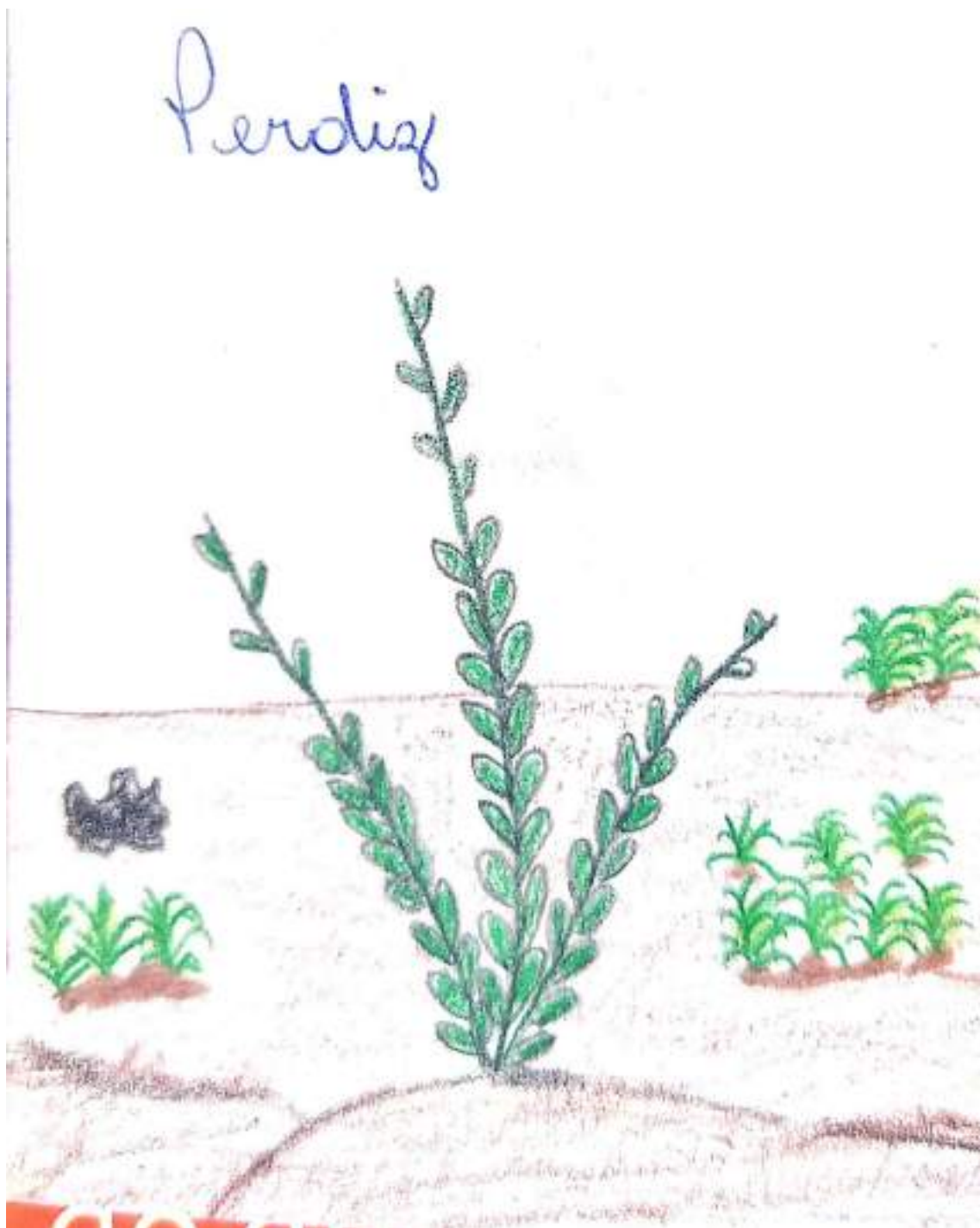
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

É um remédio bom para a saúde da criança combate o mau-olhado e estimula o nascimento dos dentes.

Preparo: Faz o chá da raiz e toma. Se preferir também, pode cozinhar e tomar banho porque fecha o corpo.

Perdiz

Figura 61: Perdiz. Tabuleiro do pesador.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura mau-olhado, perseguição (fecha o corpo).

Preparo: moi a raiz deixa na agua e toma.

Mangaba

Figura 62: Mangaba. Tabuleiro do pesador.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022

Cura diabetes, doença nos rins e estanca a diarreia.

Preparo: faz o chá da raiz, porém tem que tomar a dose certa para não desregular o funcionamento do intestino.

Figura 63: Acesse *QRCode* para assistir seu Valdemar explicando o preparo da Mangaba



10. Saberes do seu Valdemar sobre a gaita Xakriabá

Percebemos também que há muitos saberes que seu Valdemar ainda precisa e deseja repassar às gerações mais jovens. Por exemplo, o saber de talhar e tocar a Gaita⁴, usada nos festejos tradicionais Xakriabá. Seu Valdemar contou que aprendeu a fazer e tocar gaita com os mais velhos. A sua primeira gaita foi dada pelo primo Damião, daí em diante, vendo seu primo fazer outras gaitas, passou ele mesmo a talhar sua gaita. Não foram muitas pessoas que adquiriram esse conhecimento, segundo seu Valdemar, atualmente somente ele e o Dió sabem fazer sua própria gaita para tocar. A gaita ainda hoje é tocada nos festejos e nas atividades culturais. Para construção do instrumento musical, ele usa material do próprio território: uma planta chamada de cana da índia e cera de abelha.

Durante o módulo do Fiei que aconteceu em julho de 2022, foi realizada na Aldeia Brejo Mata Fome uma assembleia dos caciques, lideranças, direção das escolas e estudantes do Curso FIEI. O seu Valdemar, como sempre, esteve presente e realizou o fechamento da assembleia, tocando suas gaitas. Pude ver ele tocando o instrumento tradicional feito da cana da índia e também usando uma gaita de plástico. Percebi que as duas possuem sons diferentes, uma com o som mais agudo e outra com som mais grave. Com certeza, a gaita tradicional possui o som que traz lembranças mais antigas do nosso povo.

Figura 64: seu Valdemar toca Flauta na assembleia de encerramento do módulo Fiei-Aldeia Brejo Mata Fome. Território Xakriabá, Julho, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2022.

⁴ O instrumento industrializado feito de plástico é também conhecido como flauta doce.

Figura 65: Acesse o *QRCode* para assistir seu Valdemar tocando a gaita



Gaita industrializada



Gaita Xakriabá feita de cana da índia.

O conhecimento de como talhar e tocar a gaita tradicional, feita de cana da índia, ainda precisamos criar oportunidades para que seu Valdemar possa repassar aos jovens. Ficará como proposta de atividade para a escola Xakriabá que pode fazer um planejamento de oficinas de produção desse instrumento para que os jovens possam aprender com seu Valdemar um pouco mais a respeito da gaita, suas ciências, como e do que é feita e manuseada.

11. Considerações Finais

Esta pesquisa me levou a conhecer de perto a trajetória e vivência do mestre, ancião e liderança seu Valdemar Ferreira dos Santos, seu Valdemar. Conheci sua história de vida e de luta pelo território Xakriabá.

Contar sua história foi um modo que encontrei de retribuir todos os ensinamentos que ele nos dá, valorizar as lembranças e a memória, os conhecimentos dos mais velhos, destacando a importância dos saberes tradicionais que tenham sido repassados de pais para filhos. Por meio da história do seu Valdemar, também contamos a nossa versão da história sobre nosso povo, de nosso território, nossas lutas, enfim, sobre nós mesmos.

Esse registro também busca conscientizar a nova geração para que atente para conhecer esses saberes tradicionais, deixados pelos antepassados. O caminho que seu Valdemar nos ensina para conhecer nossa cultura e nossa luta por direitos é o da busca pelo diálogo com os mais velhos e da nossa participação na vida da comunidade.

Escrever este trabalho só foi possível porque fui até ao seu Valdemar, fiz várias visitas, entrevistas e realizei conversas informais. Esse é o modo que nós devemos buscar nossos conhecimentos, com os mais velhos, participando de rodas de conversas, palestras, reuniões e assembleias. Essa é a forma de valorizar e praticar nossos costumes e nossas tradições indígenas dentro e fora do território.

Durante este percurso, acompanhei seu Valdemar em vários momentos e situações. Fiquei mais perto dele, ouvindo seus ensinamentos, conselhos e observando o seu exemplo. Mesmo com a conquista do título de Doutor em Educação por Notório Saber, conferido pela UFMG, ele continua humilde e participativo e cada vez mais sábio. É um líder que anda junto com o povo, respeita as opiniões alheias, ainda que esta seja a de uma criança. Percebi que, por mais que ele esteja com a idade avançada, ele tem uma alma jovem, sempre preparado e pronto para luta, compromissos e responsabilidades. Admiro este mestre desde minha infância e, assim, ao me dispor em acompanhá-lo mais de perto, sinto que é privilégio estar junto dele em diversos momentos e diferentes situações, porque todas são oportunidades de aprendizados relevantes para minha formação, compartilhar vivências e experiências, além de ouvir conselhos.

Como já tínhamos apresentando várias facetas do vasto conhecimento do seu Valdemar no memorial submetido para o título de doutor em Educação por Notório Saber pela UFMG, do qual ajudei a produzir, neste Percurso, busquei mostrar a importância de

algumas práticas tradicionais compartilhadas pelo mestre seu Valdemar, como seus saberes como contador de histórias, loas e os saberes sobre as plantas medicinais do nosso território. Ele é conhecedor e guardião dos saberes que circulam nessas práticas. Reforço o que já foi feito no memorial de notório saber sobre o seu papel como uma liderança indígena dentro da comunidade/aldeia, a significativa missão de liderar e andar junto com o povo, buscando sempre melhorias e defendendo os direitos dentro e fora do território, direitos esses que tendem a cada dia serem violados e retirados dos indígenas.

Na oficina de Uru, que realizamos na aldeia como parte deste percurso, seu Valdemar chama atenção e compartilha sua preocupação a respeito de tanto lixo no mundo, mostrando o quanto é afetado com os problemas que nos aflige hoje. Ele então incentiva uma prática tradicional ensinando a fazer esse objeto com palha de coco que é utilizado por ele e foi utilizado pelos antepassados indígenas Xakriabá, mas atualiza seu apelo colocando o objeto como alternativa à produção de lixo, pois pode substituir as sacolas de plástico. Nesta oficina, aprendi e descobri que envolve muita matemática no processo de fabricação deste objeto e que o resgate desta prática de utilização, por ser natural, acredita-se que seria uma alternativa positiva de amenizar o problema do lixo no território, atualmente.

Ao longo das conversas com seu Valdemar ficou muito claro que liderar um povo não é para uma pessoa comum e sim para quem nasce com esse dom, descendente de famílias com esse espírito de liderar com ou sem recompensa. Entendi que a recompensa dos esforços de seu Valdemar é a sabedoria e a humildade que ele adquiriu durante essa trajetória e que a herança que ele nos deixa é a luta. Seu Valdemar tem a sabedoria de unir as forças, a partir do seu exemplo de trabalho voluntário em prol do seu povo, ajuda todos promovendo o diálogo, dando conselhos e ajudando a tomar as decisões.

Esta pesquisa contribui para o fortalecimento do conhecimento e entendimento dos estudantes e de todos e todas do território Xakriabá, não só em relação aos saberes tradicionais, mas também sobre como é importante a valorização do esforço e do trabalho de uma liderança que tem objetivo, compromisso e coragem para buscar benefícios para a comunidade. Mostra a incomparável participação do seu Valdemar nos eventos e movimentos que acontecem desde o processo de demarcação do território indígena Xakriabá até os dias atuais, pois ele está sempre participando e conscientizando as pessoas a respeito deste valor.

Ao concluir este percurso, vi a necessidade de conversar com o Mestre para apresentar a ele o que produzi com o material adquirido durante a pesquisa. Então, retornei à casa de Seu Valdemar, realizei leitura dos textos e mostrei os desenhos, as fotos, as ideias, enfim, tudo que aqui está escrito e exposto sobre ele. Ele acompanhou com atenção, avaliou e aprovou. Nesta oportunidade, aproveitei e pedi a ele que falasse um pouco sobre o título de doutor que conseguiu pela UFMG, e gravei em áudio.

Figura 66: Acesse o *QRCode* para ouvir seu Valdemar sobre o título de Doutor em Educação por Notório Saber que ele recebeu da UFMG.



Segundo ele, foi um privilégio maior que ele conseguiu, depois de 75 anos de idade, sendo uma pessoa que não estudou dentro de quatro paredes, mas que aprendeu acompanhando seus pais, avós e demais referências antepassadas e atuais. Ele agradeceu primeiramente a Deus, ao seu povo Xakriabá, a comunidade, a escola Oaytomorim, as parcerias e o compromisso da equipe de professores da universidade com os povos indígenas. Ele ressaltou ainda que quatro anos são pouco tempo para uma formação, pois ele conseguiu o título já com esta idade. Aprendo com essa última fala dele que a formação deve ser continuada e não apenas de quatro anos.

12. Referências

ANASTÁCIO, Vanessa Lorena. **Um povo da palavra:** ressonâncias da cultura acústica na educação escolar indígena Xakriabá. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2018

ANDRADE, Rebeca Cássia. **Resistências semiáridas: sobre a produção e circulação de conhecimentos pela rede sociotécnica do milho, estiagem e os indígenas Xakriabá no norte de Minas Gerais.** 2019. 319f. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Lindaura Gomes de. **As plantas medicinais da aldeia Prata no território Xakriabá:** resgatando e valorizando os conhecimentos tradicionais. 2019. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

LOPES, Luzionira de Sousa. **Loas e versos Xakriabá: tradição e oralidade**. 2016. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura., 2016

QUEIROZ, Valderina Gonçalves de; NEVES, Valneci Gonçalves Queiroz das. **Memórias Xakriabá: histórias e mitos contados pelos mais velhos**. 2020. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ROCHA, Diana Pereira de Araújo; TOMAZ, Vanessa Sena. **Valdemar Xakriabá: educador, homem-memória**. Memorial do Mestre Valdemar Ferreira dos Santos. 136 f. Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

SILVA, Daniel Pereira da; QUEIROZ, Ednaide Pinheiro de; LIMA JUNIOR, Edvaldo; SILVA, Gabriel Rodrigues da; FERRO, Leidiane de Souza; & ROCHA, Maine dos Passos. **Os tipos de cocos do território Xakriabá**. Trabalho de Pesquisa. Escola Estadual Indígena Oaytomorim-Aldeia Prata, 2019.

XAKRIABÁ, Valdemar. **Seu Valdemar Xakriabá: histórias de um homem da palavra**. ANASTÁCIO, Vanessa Lorena (Org.), Faculdade de Educação, FAE: Belo Horizonte, 2020.